



UFRJ



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

FACULDADE DE LETRAS

**COMPROMETIMENTO LINGUÍSTICO ASPECTUAL DE PERFECTIVIDADE
NA DOENÇA DE ALZHEIMER**

Larissa da Silva Pessôa

Rio de Janeiro
2021

LARISSA DA SILVA PESSÔA

COMPROMETIMENTO LINGUÍSTICO ASPECTUAL DE PERFECTIVIDADE NA
DOENÇA DE ALZHEIMER

Monografia submetida à Faculdade de
Letras da Universidade Federal do Rio de
Janeiro, como requisito parcial para obtenção do
título de Bacharel em Letras na habilitação
Português/ Inglês.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Adriana Leitão Martins
Coorientador: Prof^º Ms. Jean Carlos da Silva Gomes

RIO DE JANEIRO
2021

FOLHA DE AVALIAÇÃO

LARISSA DA SILVA PESSÔA
DRE: 117045274

COMPROMETIMENTO LINGÜÍSTICO ASPECTUAL DE PERFECTIVIDADE NA DOENÇA DE ALZHEIMER

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Letras na habilitação Português/ Inglês.

Data de avaliação: 19/11/21

Banca Examinadora:

Adriana Leitão Martins NOTA: 10,0

Profª. Drª. Adriana Leitão Martins - Presidente da Banca Examinadora
Faculdade de Letras - UFRJ

Jean Carlos da Silva Gomes NOTA: 10,0

Profº. Ms. Jean Carlos da Silva Gomes
Faculdade de Letras e Artes - UERN

Fernanda de C. Rodrigues NOTA: 10,0

Profª. Drª. Fernanda de Carvalho Rodrigues
Faculdade de Medicina - UFRJ

MÉDIA: 10,0

Assinatura dos avaliadores:

Adriana Leitão Martins
Jean Carlos da Silva Gomes
Fernanda de C. Rodrigues

CIP - Catalogação na Publicação

dS237c da Silva Pessoa, Larissa
Comprometimento linguístico aspectual de
perfectividade na Doença de Alzheimer / Larissa da
Silva Pessoa. -- Rio de Janeiro, 2021.
65 f.

Orientadora: Adriana Leitão Martins.
Coorientadora: Jean Carlos da Silva Gomes.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Bacharel em Letras: Português - Inglês,
2021.

1. Aspecto. 2. Perfectivo. 3. Doença de
Alzheimer. 4. Afasia Progressiva Primária
Logopênica. 5. Perda da Linguagem. I. Leitão
Martins, Adriana, orient. II. da Silva Gomes, Jean
Carlos, coorient. III. Título.

AGRADECIMENTOS

Eu não poderia começar esta seção sem ser manifestando minha gratidão e felicidade por chegar até este momento viva e com saúde: reconheço o privilégio que tenho de estar realizando mais um sonho e finalizando mais um ciclo nas condições atuais. Sou grata a Deus por estar viva, por ganhar uma nova oportunidade todos os dias de conquistar algo novo e de procurar ser melhor em todos os sentidos. A cada vitória tenho mais certeza de que as próximas batalhas também serão vencidas.

É difícil agradecer todas as pessoas que, de algum modo, nos momentos felizes e ou de apreensão, fizeram ou fazem parte da minha vida, por isso primeiramente agradeço a todos de coração. Gostaria de agradecer e dedicar este trabalho aos meus pais, meus maiores incentivadores, pela educação que me deram, pela disciplina que me ensinaram, pela dedicação, cuidados, e por sempre acreditarem que eu sou capaz de realizar os meus objetivos e sonhos, mesmo que eles pareçam impossíveis até para mim. Obrigada por todo o esforço que fizeram, espero continuar orgulhando-os e retribuir todo o tempo que investiram na minha criação e todo o carinho e cuidado que tiveram/têm por mim.

Gostaria de agradecer a todos os amigos e colegas que fiz enquanto estive na UFRJ. A nossa convivência foi essencial para que eu chegasse até aqui. Sou grata pelos amigos que eu fiz, os fora da lei (Brendha, Carolina, Clarice, João, Lucas, Marcelo, Leandro e Fernanda) que me acompanharam antes mesmo desta jornada começar. A vocês agradeço o suporte, amizade, conquistas, trocas de experiências, esclarecimento de dúvidas e o apoio todas as vezes que eu não acreditava que seria possível seguir em frente no caminho. Guardarei para sempre todos os cafés da manhã no Starbucks da Faculdade de Letras, todos os surtos, choros e alegrias que compartilhamos ao longo desses anos. Vocês trouxeram cor para os momentos mais cinzentos e fizeram todos os momentos difíceis se tornarem mais suportáveis.

Agradeço à Ditadura do *Perfect* (Amanda, Bruno e Gabi), meus amigos que me acompanharam em toda a minha jornada acadêmica, todas as pesquisas, congressos, apresentações, obrigada por nunca soltarem minha mão e compartilharem desta paixão comigo. Agradeço também ao Bruno, meu primeiro parceiro de pesquisa com quem aprendi demais, agradeço por seu companheirismo, por todos os almoços em salas de aulas vazias, reuniões de última hora e por sempre pular comigo de cabeça em todos os projetos. Com vocês aprendi a deixar a insegurança e o medo de lado e acreditar mais em mim mesma.

Vocês são *perfect!*

Agradeço à Prof. Dr^a Adriana Leitão Martins pela orientação do trabalho, por auxiliar e dar suporte técnico, por me acolher na sua sala antes mesmo do meu primeiro dia como aluna de iniciação científica, por sempre me incentivar e por ser parte do meu crescimento pessoal e profissional. Também devo minha total gratidão ao professor Jean Carlos da Silva Gomes, que, com muita paciência e atenção, dedicou do seu valioso tempo para me orientar em cada passo deste trabalho, obrigada por ser um coorientador tão ativo e por ensinar tanto, levarei tudo comigo para sempre. Agradeço direta e indiretamente a todos os professores que fizeram parte da nossa formação acadêmica, que me ensinaram coisas que me tiraram completamente da zona de conforto, me desafiaram e mudaram alguma parte de mim para me tornar quem sou e o que sei hoje.

Agradeço por todo o conhecimento que obtive na Universidade Federal do Rio de Janeiro o longo de todo meu percurso. Reconheço o privilégio de estudar na maior universidade do meu país e ter ao meu alcance professores, educadores, orientadores e cientistas incríveis como meus mestres. Não poderia finalizar esta seção de agradecimentos sem expressar meus agradecimentos ao CNPq que fomentou minhas pesquisas durante a iniciação científica e me permitiu dar prosseguimento a este estudo.

RESUMO

PESSOA, L. S. **Comprometimento linguístico aspectual de perfectividade na Doença de Alzheimer**. 2021. 65f. Monografia (Graduação em Bacharelado em Letras na habilitação português/inglês) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2021.

De acordo com a Hipótese da Primazia do Aspecto (HPA), hipótese que diz respeito à aquisição de linguagem, morfologias de perfectivo, como o Pretérito Perfeito no português, emergem associadas inicialmente motivadas por propriedades aspectuais semânticas das sentenças como a telicidade (ANDERSEN; SHIRAI, 1996) e a pontualidade (BLOOM; LIFTER; HAFITZ, 1980). Levando em consideração que a perda linguística segue um decurso inversamente espelhado ao da aquisição, questionamo-nos se a previsão da HPA verifica-se também no processo de comprometimento linguístico. Neste trabalho, investiga-se a deterioração linguística de pacientes com a Doença de Alzheimer e, para tanto, consideram-se duas variantes de tal patologia: a variante clássica, mencionada na literatura como Doença de Alzheimer (DA), e a frontal, referenciada na literatura como Afasia Progressiva Primária Logopênica (APPL). O objetivo geral deste trabalho é investigar a interação entre aspecto gramatical e semântico. Mais especificamente, visa-se investigar (i) se o uso da morfologia de Pretérito Perfeito é motivado por alguma informação aspectual semântica na expressão linguística de pacientes diagnosticados como portadores da DA e da APPL falantes nativos do português do Brasil (PB) e (ii) se o aspecto gramatical perfectivo pode ser comprometido em pacientes diagnosticados como portadores da DA e da APPL falantes nativos do PB. As hipóteses elaboradas para este estudo são: (i) o uso da morfologia de Pretérito Perfeito é motivado por uma informação aspectual semântica na expressão linguística de pacientes diagnosticados como portadores da DA e da APPL falantes nativos do PB e (ii) o aspecto gramatical perfectivo está comprometido em pacientes com DA e APPL falantes nativos do PB. A metodologia consistiu em uma análise de dados secundários de fala espontânea e semiespontânea coletados por Gomes (2020). Os resultados das pacientes portadoras da DA e da APPL indicaram que a morfologia de Pretérito Perfeito foi utilizada em todos os contextos adequadamente e associou-se a verbos com as propriedades de telicidade/atelicidade, pontualidade/duratividade e estatividade/dinamicidade. Assim, concluiu-se que o aspecto perfectivo encontra-se preservado na gramática mental das pacientes investigadas.

PALAVRAS-CHAVE: Aspecto; Perfectivo; Doença de Alzheimer; Afasia Progressiva Primária Logopênica; Perda da Linguagem

ABSTRACT

PESSOA, L. S. Aspectual linguistic impairment of perfectivity in Alzheimer's disease. 2021. 65f. Monograph (Bachelor of Arts in Portuguese/English) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2021.

According to the Primacy Aspect Hypothesis (PAH), a hypothesis concerning language acquisition, perfective morphologies, such as the Preterite Perfect in Portuguese, emerge initially motivated by semantic aspectual properties of sentences such as telicity and punctuality (ANDERSEN; SHIRAI, 1996; BLOOM; LIFTER; HAFITZ, 1980). Taking into account that language impairment follows a course inversely mirroring that of acquisition, we question whether HPA's prediction also holds for the process of language deterioration. In this paper, the linguistic deterioration of patients with Alzheimer's disease is investigated and two variants of such pathology are considered: the classical variant referred to in the literature as Alzheimer's Disease (AD), and the frontal variant, referred to in the literature as Logopenic Primary Progressive Aphasia (LPPA). The general goal of this paper is to investigate the interaction between grammatical and semantic aspects. More specifically, it aims to investigate (i) if the use of the Preterite Perfective morphology is motivated by some semantic aspectual information in the linguistic expression of native Brazilian Portuguese (BP) patients diagnosed as having AD and LPPA and (ii) if the grammatical perfective aspect can be compromised in native BP speakers diagnosed as having AD and LPPA. The hypotheses developed for this study are: (i) the use of the Preterite Perfective morphology is motivated by semantic aspectual information in the linguistic expression of patients diagnosed as having AD and LPPA native speakers of BP and (ii) the perfective grammatical aspect is impaired in patients with AD and LPPA native speakers of BP. The methodology consisted of an analysis of secondary data collected by Gomes (2020) from the patients' spontaneous and semi-spontaneous speech. The results from the AD and LPPA patients indicated that the Preterite Perfect morphology was used in all contexts appropriately and was associated with verbs with the properties of telicity/atelicity, punctuality/durativity and stativity/dynamicity. Thus, we concluded that the perfective aspect is preserved in the mental grammar of the investigated patients.

KEY-WORDS: Aspect; Perfective; Alzheimer's Disease; Logopenic Primary Progressive Aphasia; Language Impairment.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. GERATIVISMO E ASPECTO	16
1.1 O MODELO TEÓRICO GERATIVISTA	16
1.2 A CATEGORIA LINGUÍSTICA DE ASPECTO	17
1.3 HIPÓTESE DA PRIMAZIA DO ASPECTO	24
1.4 RELAÇÃO ENTRE AQUISIÇÃO E PERDA DE LINGUAGEM.....	27
2. O COMPROMETIMENTO TEMPORO-ASPECTUAL NA DOENÇA DE ALZHEIMER	29
2.1 GRAMÁTICAS DESVIANTES	29
2.2 A DOENÇA DE ALZHEIMER.	30
2.3 COMPROMETIMENTO SINTÁTICO NA VARIANTE CLÁSSICA DA DOENÇA DE ALZHEIMER.	31
2.4 COMPROMETIMENTO SINTÁTICO NA AFASIA PROGRESSIVA PRIMÁRIA LOGOPÊNICA.....	34
3. METODOLOGIA	36
4. RESULTADOS E ANÁLISES	39
4.1 RESULTADOS - PACIENTE COM A VARIANTE CLÁSSICA	39
4.2 RESULTADOS - PACIENTE COM AFASIA PROGRESSIVA PRIMÁRIA LOGOPÊNICA.....	41
4.3 COMPARAÇÃO ENTRE OS RESULTADOS DA PACIENTE COM DA E DA PACIENTE COM APPL.....	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS	48
APÊNCICES	52
APÊNDICE A.....	53
APÊNDICE B.....	55
ANEXOS	58
ANEXO A.....	59

ANEXO B...	61
ANEXO C...	64
ANEXO D	65

INTRODUÇÃO

Este trabalho fundamenta-se na perspectiva gerativista de estudos linguísticos. O gerativismo é uma teoria que tem o objetivo de estudar o modo como o conhecimento linguístico está organizado na mente dos indivíduos. Nesse modelo, adota-se uma abordagem formal, considerando a linguagem como um mecanismo inato da biologia humana (CHOMSKY, 1957).

Essa corrente teórica teve início na década de 50 do século XX e tem como seu principal precursor o linguista Noam Chomsky. O modelo gerativista advoga que a capacidade humana de adquirir uma língua é advinda de um dispositivo inato interno ao organismo, chamado de Faculdade da Linguagem (FL). Através da FL, os seres humanos desenvolvem a competência linguística. O estágio inicial da FL é chamado Gramática Universal (GU), que é o mecanismo inato designado para lidar exclusivamente com fenômenos linguísticos (CHOMSKY, 1988).

O Gerativismo tem como principal objetivo investigar as propriedades linguísticas presentes na GU, bem como a representação dessas propriedades na FL. Dentre elas, está a categoria linguística de aspecto, que, de acordo com Comrie (1976), diz respeito às diferentes maneiras de se enxergar a composição temporal interna de uma situação, podendo ser gramatical ou semântico.

O aspecto gramatical é expresso por elementos gramaticais contidos na sentença, como, por exemplo, a morfologia verbal. O perfectivo, um aspecto gramatical básico, diz respeito à visualização de uma situação como um todo, sem a distinção das fases separadas que a compõem, ou seja, o início, o meio e o fim da situação são vistos sem um destaque individual para alguma dessas fases, como por exemplo na sentença “João comeu o bolo.”

Por outro lado, o aspecto semântico refere-se a certos traços semânticos inerentes à raiz verbal, aos argumentos e/ou aos adjuntos presentes nas sentenças, independentemente de qualquer marcação morfológica. No tocante a isso, Comrie (1976) estabeleceu três oposições aspectuais semânticas, são elas: estaticidade *versus* dinamicidade, pontualidade *versus* duratividade e telicidade *versus* atelicidade.

De acordo com a Hipótese da Primazia do Aspecto (HPA), proposta por Andersen e Shirai (1996), as morfologias verbais, apesar de comumente veicularem aspecto gramatical, parecem revelar-se na aquisição a partir de sua combinação com o aspecto semântico da sentença, e não com o aspecto gramatical a elas associado, demonstrando, assim, que o

aspecto semântico seria adquirido antes do gramatical. Os dados desses autores parecem indicar que a morfologia de perfectivo emerge associada primeiramente ao valor aspectual semântico de telicidade e, somente depois, ao de atelicidade. Anteriormente, dados de autores como Bloom, Lifter e Hafitz (1980) já haviam indicado a emergência dessa morfologia associada primeiramente ao valor aspectual semântico de pontualidade. Estudos que se voltaram para a análise da emergência do Pretérito Perfeito, morfologia veiculadora do aspecto gramatical perfectivo, na aquisição do português do Brasil (PB) também indicaram que sua emergência pode ser motivada por propriedades aspectuais semânticas como telicidade (ARAÚJO, 2015) ou pontualidade (LESSA, 2015).

Autores como Jakobson (1941) e Grodzinsky (1990) destacam que o processo de perda linguística segue uma direção espelhada ao de aquisição. Desse modo, espera-se que as categorias adquiridas primeiramente pelas crianças sejam comprometidas mais tardiamente no processo de perda linguística. Tendo em vista tal proposta, questiona-se se as previsões da HPA verificam-se também no processo de deterioração linguística, ou seja, se o aspecto semântico é comprometido mais tardiamente do que o gramatical.

Alguns estudos evidenciam que patologias que afetam o conhecimento linguístico podem causar alterações na expressão de categorias temporo-aspectuais, como a Afasia de Broca (BRAGA, 2004; RODRIGUES, 2011) e a Doença de Alzheimer (MARTINS, 2010; GOMES, 2020). Entretanto, os estudos sobre tempo e aspecto em patologias linguísticas realizados até então parecem restringir suas análises somente aos valores aspectuais gramaticais, desconsiderando sua relação com o aspecto semântico.

Neste trabalho, o foco recai sobre o comprometimento aspectual gramatical e sua interação com o aspecto semântico em pacientes acometidos pela Doença de Alzheimer, patologia progressiva que atinge diversas funções cognitivas, como a linguagem. Mais especificamente, consideram-se duas variantes dessa patologia: a variante clássica, mencionada na literatura como Doença de Alzheimer (DA), caracterizada por um déficit que se inicia na memória declarativa e que posteriormente estende-se à linguagem; e a frontal, referenciada na literatura como Afasia Progressiva Primária Logopênica (APPL), que se caracteriza por um déficit inicial na linguagem¹.

¹ Ao longo desta monografia, utilizamos a sigla DA para fazer referência à variante clássica da Doença de Alzheimer; a sigla APPL, à variante frontal; e o termo "Doença de Alzheimer", escrito por extenso, a ambas as variantes simultaneamente.

Diante disso, o objetivo deste trabalho é investigar a interação entre aspecto gramatical e semântico. Mais especificamente, visa-se investigar (i) se o uso da morfologia de Pretérito Perfeito é motivado por alguma informação aspectual semântica na expressão linguística de pacientes diagnosticados como portadores da DA e da APPL falantes nativos do PB e (ii) se o aspecto gramatical perfectivo pode ser comprometido em pacientes diagnosticados como portadores da DA e da APPL falantes nativos do PB.

Foram formuladas as seguintes hipóteses para esta investigação: (i) o uso da morfologia de Pretérito Perfeito é motivado por uma informação aspectual semântica na expressão linguística de pacientes diagnosticados como portadores da DA e da APPL falantes nativos do PB e (ii) o aspecto gramatical perfectivo está comprometido em pacientes diagnosticados como portadores da DA e da APPL falantes nativos do PB.

Esta monografia divide-se em cinco capítulos: no primeiro capítulo, discorremos sobre pressupostos da teoria gerativa adotados neste trabalho e a categoria linguística de aspecto; no segundo, abordamos o comprometimento linguístico aspectual na Doença de Alzheimer; no terceiro, apresentamos a metodologia adotada neste estudo; no quarto, apresentamos e discutimos os resultados da pesquisa; e, por fim, no último capítulo, apresentamos as considerações finais.

1 GERATIVISMO E ASPECTO

1.1 O MODELO TEÓRICO GERATIVISTA

Como anunciado na introdução, o presente trabalho baseia-se no arcabouço teórico da teoria gerativa. O gerativismo descreve a linguagem como uma capacidade cognitiva unicamente humana. Essa teoria propõe a existência de um módulo mental inato responsável conjunto de habilidades cognitivas que dizem respeito a linguagem humana, chamado de faculdade da linguagem (CHOMSKY, 1957).

Noam Chomsky, o precursor dessa corrente teórica, foi responsável por uma revolução científica ao apresentar uma nova abordagem do estudo da linguagem, o modelo teórico do gerativismo. Esse autor propõe que a linguagem é um módulo mental particular que compõe a mente humana. Desse modo, a teoria gerativa leva em consideração a faculdade da linguagem, que permite ao ser humano adquirir linguagem. Assim, o foco recai não no produto da linguagem ou no comportamento linguístico do ser humano, mas sim em como o sistema mental de natureza linguística está organizado e como esse sistema capacita o indivíduo a produzir e compreender as frases possíveis de uma língua (CHOMSKY, 1995).

O conhecimento linguístico que um falante tem de sua língua materna é o meio pelo qual esse consegue produzir sentenças gramaticais e tal conhecimento é chamado de competência linguística. Essa noção se opõe à de desempenho linguístico, que diz respeito ao uso linguístico feito em meio às relações sociais. O foco dos estudos gerativistas recai na competência linguística.

O modelo gerativista advoga que a capacidade humana de adquirir uma língua é advinda de um dispositivo inato interno ao organismo, chamado de Faculdade da Linguagem (FL). Através da FL, os seres humanos desenvolvem a competência linguística de sua língua materna. A FL é regida, em seu estado inicial, por uma Gramática Universal (GU), sendo este o mecanismo inato designado para lidar exclusivamente com fenômenos linguísticos (CHOMSKY, 1988).

A GU é constituída por princípios e parâmetros, sendo ambos geneticamente determinados e responsáveis pelo conhecimento internalizado que um indivíduo tem da sua língua. De acordo com Chomsky (1988), os princípios são regras universais, invariáveis.

Segundo Kato (1995), os parâmetros são responsáveis pela variação que pode ser encontrada entre as línguas. A variação interlinguística, portanto, depende de um número limitado de parâmetros já programados geneticamente na GU dos seres humanos, com valores [+] ou [-], definidos através dos dados positivos do ambiente a que as crianças estão expostas. Dessa forma, a GU permite que a aquisição de linguagem ocorra naturalmente, uma vez que o indivíduo seja exposto ao *input* de uma determinada língua. Só após a exposição aos dados linguísticos, o indivíduo desenvolve a sua gramática particular, que abarca o conhecimento de sua língua nativa.

A perspectiva gerativista prevê que a mente humana é formada por diferentes módulos (FODOR, 1983). Tal noção é concebida na literatura sob o rótulo de “modularidade da mente”. Segundo tal conceito, a mente humana é composta por módulos cognitivos que são independentes uns dos outros. Esses possuem autonomia, uma vez que cada módulo é regido por princípios específicos, e dizem respeito a funções cognitivas distintas. Apesar de possuírem autonomia, esses módulos cognitivos interagem entre si. É importante pontuar que a mente humana dispõe de um módulo da linguagem, referido anteriormente nesta seção como “Faculdade da Linguagem”.

Há dois módulos com os quais a FL se relaciona indispensáveis para a externalização da linguagem: o sistema articulatório-perceptual e o sistema conceptual-intencional. Do ponto de vista da produção linguística, o sistema articulatório-perceptual é responsável por transformar as representações fonéticas geradas pela FL em sons linguísticos e o sistema articulatório perceptual, por transformar as representações semânticas geradas pela FL em conceitos.

1.2 A CATEGORIA LINGUÍSTICA DE ASPECTO

Dentre as propriedades linguísticas presentes na GU, pode-se destacar a categoria linguística de aspecto. Informações aspectuais correspondem a traços linguísticos conceptualmente motivados, ou seja, apresentam relevância tanto para o sistema linguístico quanto para o conceptual. De acordo com Comrie (1976), o aspecto diz respeito às diferentes maneiras de se enxergar a composição temporal interna de uma situação. Além disso, aspecto é uma categoria não dêitica, já que possibilita a expressão da constituição

temporal interna de uma situação independentemente da relação dessa situação com qualquer outro ponto no tempo. Aspecto pode subdividir-se em gramatical e semântico.

O aspecto gramatical² diz respeito à noção aspectual que pode ser depreendida por porções da sentença de caráter sintático como, por exemplo, a morfologia verbal. Nos exemplos em (1) e em (2), é possível observar duas sentenças que estão no tempo passado, porém veiculam noções aspectuais gramaticais diferentes.

(1) João nadou.

(2) João nadava.

No exemplo em (1), veicula-se o aspecto perfectivo. Esse permite a visualização de um evento como um todo, sem fazer distinção entre as diversas fases internas que o compõem. No exemplo em (2), veicula-se o aspecto imperfectivo. Esse, por sua vez, coloca em destaque a composição temporal interna da situação, permitindo a visualização de, pelo menos, uma de suas fases internas.

É importante destacar que o tempo passado pode associar-se tanto ao aspecto perfectivo, como no exemplo em (3), quanto ao imperfectivo, por exemplo em (4). Por outro lado, o tempo presente associa-se somente o valor aspectual de imperfectivo (COMRIE, 1976), como em (5), não havendo possibilidade de combinação com o perfectivo.

(3) Maria comeu macarrão.

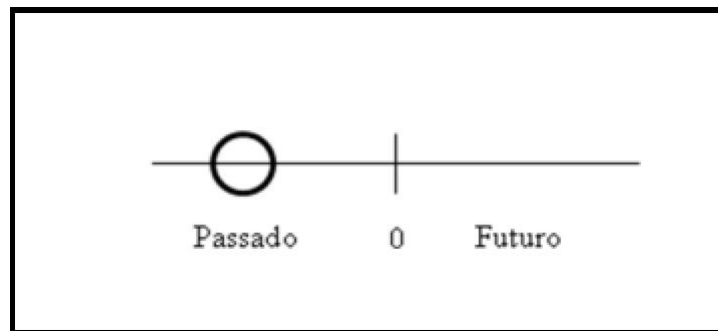
(4) Maria comia macarrão.

(5) Maria come macarrão.

O foco deste estudo recai sobre o aspecto perfectivo que, no português, pode ser veiculado, por exemplo, pela morfologia de Pretérito Perfeito do Indicativo. Nesse aspecto, como dito anteriormente, a situação passada é vista como um todo, sem ênfase nas suas fases constitutivas. Na figura 1 a seguir, é possível observar que o traço interno ao círculo representa o intervalo de tempo em que a situação ocorreu, mas a ênfase é dada somente ao círculo, pois esse representa o todo da situação.

² O aspecto gramatical também pode ser chamado de ponto de vista (SMITH, 1991).

Figura 1 - Representação do aspecto perfectivo



Fonte: Nespoli (2018, p. 38)

De acordo com Iatridou, Anagnostopoulou e Izvorski (2003), os traços que estão subjacentes às morfologias perfectivas e imperfectivas são os traços [+delimitado] e [-delimitado], respectivamente. Conforme observou-se na figura 1, no aspecto perfectivo, a situação é vista como um todo, logo, o traço subjacente à realização desse aspecto é o [+delimitado].

Smith (1991) afirma que a propriedade básica do aspecto perfectivo é a sua capacidade de apresentar a situação como um todo contido em si mesmo, o que torna sua associação incompatível com uma interpretação na qual as fases internas de determinado evento são levadas em consideração. Os eventos apresentados no aspecto perfectivo são fechados em termos de informação (*closed informationally*), ou seja, uma sentença veiculando o aspecto perfectivo apresenta tanto o ponto inicial quanto o ponto final de uma situação, desconsiderando sua estrutura interna. Assim, ao se dizer que “Maria escreveu um livro”, afirma-se que o evento iniciou e terminou, tendo como resultado um livro completo.

O aspecto semântico³ diz respeito a certos traços aspectuais semânticos que são inerentes à raiz verbal, aos argumentos e/ou aos adjuntos presentes nas sentenças, independentemente de qualquer marcação morfológica. Em relação a esse tipo de aspecto, Comrie (1976) propõe a existência de três oposições semânticas: estaticidade *versus* dinamicidade, pontualidade *versus* duratividade e telicidade *versus* atelicidade.

Tendo em vista a primeira oposição aspectual semântica, estaticidade *versus* dinamicidade, Comrie (1976) afirma que uma situação estática é aquela que não necessita

³ O aspecto semântico também é conhecido como tipo de situação (SMITH, 1991), aspecto lexical (DE MIGUEL, 1999) ou aktionsart (SANZ e LAKA, 2002).

de um fornecimento de energia para sua realização, como no exemplo em (6), enquanto que uma situação dinâmica exige um fornecimento de energia para que ocorra, como no exemplo em (7).

(6) João gosta de morangos.

(7) João come morangos.

Com relação à segunda oposição, pontualidade *versus* duratividade, o autor afirma que uma situação pontual é aquela que não possui duração interna, como é possível observar no exemplo em (8); já uma situação durativa é aquela que perdura por certo período de tempo, como no exemplo em (9).

(8) João encontrou a chave.

(9) João procurou a chave.

Já sobre a última oposição, telicidade *versus* atelicidade, Comrie (1976) propõe que um evento télico é aquele que envolve um processo que leva a um ponto final delimitado linguisticamente, como no exemplo em (10); em oposição, um evento atélico é aquele que não apresenta um ponto final delimitado linguisticamente, como no exemplo em (11).

(10) João escreveu um livro.

(11) João escreveu livros.

É importante mencionar que Vendler (1967), anteriormente à proposta de Comrie (1976), havia realizado uma análise e classificação de predicados verbais do inglês. Em seu trabalho, o autor não utilizou expressamente a nomenclatura “aspecto”, mas é possível relacionar as oposições aspectuais semânticas descritas por Comrie (1976) à classificação dos predicados no inglês empreendida por Vendler (1967).

Vendler (1967) propôs, então, uma classificação dos verbos em quatro tipos: estados, aqueles que indicam situações não-dinâmicas, homogêneas e não agentivas; atividades, aquelas que indicam eventos que ocorrem durante um período de tempo

indefinido, são agentivos e se desenvolvem homoganeamente; *accomplishments*⁴, aqueles que indicam eventos nos quais existe um ponto final definido; *achievements*⁵, aqueles que denotam eventos pontuais, instantâneos no tempo.

Smith (1991), levando em consideração a classificação dos verbos apresentada por Vendler (1967), analisou os verbos levando em consideração os valores aspectuais semânticos descritos em Comrie (1976). Essa autora discutiu a pertinência desses valores a partir da noção de traços aspectuais semânticos. No Quadro 1, a seguir, apresentamos uma proposta adaptada da classificação apresentada por essa autora.

Quadro 1 - Classificação dos tipos de verbo de acordo com os traços aspectuais semânticos

	Estados	Atividades	<i>Accomplishments</i>	<i>Achievements</i>
[dinâmico]	-	+	+	+
[durativo]	+	+	+	-
[télico]	///////	-	+	+

Fonte: Adaptado de Smith (1991, p. 20).

A partir desse quadro, é possível perceber que um verbo de estado, como por exemplo “amar”, apresenta os traços [-dinâmico] e [+durativo]. De acordo com Smith (1991), não é possível atribuir o traço de telicidade a esse tipo de verbo. Os verbos de atividade, como por exemplo “correr”, apresentam os traços [+dinâmico], [+durativo] e [-télico], diferindo-se do primeiro pelo traço de dinamicidade. Os verbos de *accomplishment*, como em “comer a maçã”, apresentam os traços [+dinâmico], [+durativo] e [+télico], diferenciando-se dos verbos de atividade pelo valor de telicidade. E, por fim, os verbos de *achievement*, como em “achar a chave”, apresentam os traços [+dinâmico], [-durativo], [+télico], diferindo-se do anterior pelo traço de duratividade.

Outras propostas de classificação dos verbos e traços que os diferenciam já foram elaboradas na literatura sobre o assunto. Porém, levando em consideração que as oposições aspectuais semânticas propostas por Comrie (1976) e a classificação dos tipos de verbo

⁴ Também nomeado como “processo culminado”.

⁵ Também nomeado como “culminação”.

apresentada em Smith (1991) são amplamente utilizadas na literatura sobre aspecto semântico, partimos da classificação dos tipos de verbo exposta no quadro 1 para a realização deste estudo.

No que tange à informação semântica de telicidade, essa tem sua origem no termo grego *télos*, que significa “objetivo”, “fim”. A partir disso, é possível depreender que a noção de telicidade está atrelada à existência de um ponto final que impede que uma determinada situação continue para além dele, já que, ao atingi-lo, a situação seria apresentada como completa de algum modo, e assim, carregaria a informação de finitude.

Comrie (1976) afirma que um evento télico é aquele que leva a um ponto final delimitado linguisticamente, como no exemplo em (12), que representa uma situação télica, uma vez que descreve uma ação que tem um ponto final inerente e definido que, depois de alcançado, impede que tal ação continue. Por outro lado, a sentença em (13) apresenta uma situação atélica, pois descreve uma ação que não possui um ponto final inerente e definido, permitindo que tal ação apresente uma continuidade infinita.

(12) Maria bebeu um copo de leite.

(13) Maria bebeu copos de leite.

De acordo Smith (1991), a distinção entre eventos télicos e atélicos tem relação com o fato de um evento ter um ponto final natural que consiste em um objetivo ou resultado. Para essa autora, a noção de telicidade é uma propriedade essencial do evento e, por isso, geralmente não é aberta para escolha aspectual, sendo uma propriedade que não pode ser mudada com o propósito de ênfase ou ponto de vista.

Algumas raízes verbais podem fazer referência a situações télicas ou atélicas, mas a propriedade aspectual de telicidade pode ser também definida a partir da combinação do verbo com outros constituintes na sentença (SCHER, 2005). Nessa direção, o valor de telicidade pode depender de outros elementos contidos na sentença, como a quantificação do complemento ou a presença de sintagmas preposicionais que indicam o término do evento (WACHOWICZ, 2008).

A proximidade entre as noções de perfectividade e de telicidade culmina em afirmações de diversos autores que descrevem tais noções como apenas uma. Basso (2007) diferencia as propriedades de perfectividade e telicidade da seguinte maneira: (i)

perfectividade diz respeito a um evento estar concluído e acabado, tendo ou não um ponto final – o evento em questão é veiculado sob uma perspectiva que indica que ele não continuará mais ou que se completou; (ii) telicidade diz respeito a um evento ter um final, estando ou não concluído ou acabado – o evento em questão tem um término identificável, previsível a partir de seu significado.

No quadro 2 a seguir, é possível perceber a diferenciação entre perfectividade e telicidade. Com relação aos exemplos com verbos do tipo *accomplishment* e *achievement*, que possuem o traço de telicidade marcado positivamente, há a veiculação do aspecto perfectivo, ou seja, os eventos em questão têm ponto final e o atingem quando concluídos. Já no exemplo com verbo de atividade, há a veiculação do aspecto perfectivo, porém a noção de telicidade não está presente por o traço de telicidade estar marcado negativamente, ou seja, o evento em questão não tem ponto final apesar de estar concluído.

Quadro 2 - Perfectividade e Telicidade

[+/-télico]	Perfectivo
<i>Accomplishments</i> [+télico]	João leu um livro (i) perfectividade + (ii) telicidade
<i>Achievements</i> [+télico]	João ganhou a corrida (i) perfectividade + (ii) telicidade
Atividades [-télico]	João nadou (i) perfectividade

Fonte: Adaptado de Basso (2007, p. 219)

A respeito da informação aspectual semântica de pontualidade, como apresentado anteriormente e ilustrado por meio do exemplo em (8), essa caracteriza-se pela ausência da duração interna de uma situação, contrapondo-se à duratividade. Com base na proposta de Smith (1991), apresentada no quadro 1, o tipo de verbo que possui a marcação negativa para o traço de duratividade são os verbos de *achievement*. Esses dizem respeito a uma situação inerentemente pontual que não possui fases internas, como no exemplo em (8) que contém a sentença “João encontrou a chave”. Nesse exemplo, o verbo “encontrar” faz referência a uma situação pontual sem qualquer complexidade interna ou

duração. Por mais que seja possível expressar linguisticamente uma frase como “João levou três horas para encontrar a chave”, a experiência de “encontrar a chave” ocorre em apenas um ponto específico no tempo.

No que tange a classes adverbiais que podem combinar-se aos verbos de *achievement*, o autor Dowty (1979) argumenta que os verbos de *achievement* não podem combinar-se com expressões adverbiais durativas “por x tempo”, como em “João encontrou a chave por 10 minutos”.

De acordo com Comrie (1976), uma situação pontual não possui uma estrutura interna e, portanto, tal situação seria incompatível com a noção aspectual de imperfectividade, ou seja, o aspecto imperfectivo não poderia ser expresso para referir-se situações realizadas por meio de verbos de *achievement*. Alves (2018), ao estudar a expressão do aspecto imperfectivo por meio de morfologias progressiva e não progressiva em verbos classificados como pontuais por falantes nativos do inglês americano, advoga que esses verbos podem ocorrer com morfologia progressiva, veiculando o aspecto imperfectivo.

Na seção 1.3 a seguir, apresentamos um panorama acerca de propostas teóricas sobre a aquisição de morfologias que codificam tempo e aspecto, como aquela que ficou conhecida como Hipótese da Primazia do Aspecto, e acerca da relação entre aspecto gramatical e semântico na aquisição.

1.3 HIPÓTESE DA PRIMAZIA DO ASPECTO

Como buscamos descrever mais detalhadamente na próxima seção, estudos de perda e de aquisição linguística guardam algumas relações. Por exemplo, tanto sujeitos com distúrbio linguístico, como portadores da Doença de Alzheimer, patologia investigada nesta monografia, quanto aqueles em fase de aquisição de linguagem possuem uma “gramática desviante”. Nesse sentido, nesta seção, buscamos apresentar uma revisão de estudos de aquisição de linguagem que se voltem para a investigação da emergência de conhecimento linguístico aspectual, para, posteriormente, estabelecermos um paralelo com um possível comprometimento desse conhecimento em sujeitos com a Doença de Alzheimer.

Diversos estudos sobre aquisição de linguagem indicam que a morfologia verbal se desenvolve primeiramente na produção infantil para expressar noções aspectuais e,

somente depois, para expressar noções temporais (BRONCKART; SINCLAIR, 1973; ANTINUCCI; MILLER, 1976). Essas conclusões deram origem a diversas hipóteses acerca do modo como ocorreria a aquisição de aspecto e tempo.

Dentre as propostas já descritas na literatura, destaca-se a conhecida como Hipótese da Primazia do Aspecto (HPA). De acordo com essa hipótese, entende-se que a categoria de aspecto emerge antes da de tempo (ANDERSEN, 1989). Mais especificamente, aspecto semântico parece ser adquirido antes de aspecto gramatical e tempo.

De acordo com a HPA, a produção de determinado morfema flexional nas fases iniciais de aquisição de linguagem veicularia a noção de aspecto semântico, e não de tempo ou aspecto gramatical. Segundo Friedrich (1974), as distinções estaticidade/dinamicidade, duratividade/pontualidade e telicidade/atelicidade parecem guiar o surgimento das diferentes formas de flexão no discurso das crianças durante a aquisição de linguagem.

A HPA tem sido referência para estudos que investigam a aquisição das morfologias que codificam tempo e aspecto. Após uma extensa revisão de literatura, Andersen e Shirai (1996) consideraram a HPA como uma forma de sistematização da relação entre aspecto semântico e gramatical.

Para Andersen e Shirai (1996), essa hipótese compõe-se de quatro partes, são elas: (i) as crianças adquirindo linguagem inicialmente utilizam as marcações de aspecto perfectivo majoritariamente associadas a verbos de *accomplishment* e *achievement* e somente depois estendem tais marcações a verbos de atividade e estado; (ii) nas línguas que codificam a distinção entre aspecto gramatical perfectivo e imperfectivo, a marcação de passado imperfectivo aparece depois da de passado perfectivo, e a marcação de passado imperfectivo começa com verbos de estado e de atividade, estendendo-se posteriormente aos verbos de *accomplishment* e *achievement*; (iii) em línguas com marcação morfológica de aspecto gramatical imperfectivo contínuo progressivo, a marcação progressiva começa com verbos de atividade e depois estende-se a verbos de *accomplishment* e *achievement* e (iv) a marcação do aspecto gramatical imperfectivo contínuo progressivo não é incorretamente estendida aos verbos de estado.

Considerando o postulado na parte (i) da HPA apresentada acima, autores como Andersen e Shirai (1996) interpretam que telicidade seja a propriedade motivadora da morfologia de perfectivo. Logo, segundo esses autores, verbos que figuram em eventos

télicos (*accomplishments* e *achievements*) são aqueles que motivam a utilização de uma morfologia como o pretérito perfeito no início da aquisição de linguagem.

Entretanto, outros autores advogam que a propriedade aspectual semântica motivadora do uso da morfologia de perfectivo em etapas iniciais da aquisição de linguagem seja a de pontualidade. Os autores Bloom, Lifter e Hafitz (1980) indicaram alguns padrões em marcações morfológicas no processo de aquisição do inglês. Esses padrões são: (i) os verbos com o traço [+durativo] associam-se ao afixo *-ing*, morfologia progressiva, como em “*playing*” (“jogando”) e (ii) os verbos com o traço [-durativo], o que caracteriza verbos pontuais, associam-se a formas irregulares do passado, morfologia de perfectivo, como em “*broke*” (“quebrou”).

Na mesma direção que Bloom, Lifter e Hafitz (1980), Bickerton (1981 *apud* SHIRAI, 1997) defende que a morfologia de perfectivo no início do processo de aquisição marca a pontualidade dos eventos, pois, em francês e italiano, as crianças tendem a acrescentar tal morfologia em verbos pontuais, mas nunca em verbos durativos. De acordo com Bronckart e Sinclair (1973) e Antinucci e Miller (1976), os verbos pontuais e télicos seriam os primeiros a receber flexão de tempo passado ou aspecto perfectivo e os verbos não pontuais e atélicos receberiam a flexão de tempo presente.

Posto isso, a discussão sobre qual é a propriedade aspectual semântica motivadora do uso da morfologia de perfectivo no início do processo de aquisição linguística pode ser promovida. Por um lado, para Andersen e Shirai (1996), o uso dessa morfologia seria inicialmente motivada pela propriedade de telicidade. Por outro lado, para Bloom, Lifter e Hafitz (1980) e Bickerton (1981 *apud* SHIRAI, 1997), por exemplo, essa morfologia seria primeiramente disparada pela propriedade de pontualidade. Apesar dessa discordância, todos os estudos revisados nesta seção parecem ir na direção de sustentar que é alguma propriedade aspectual semântica que motiva o uso da morfologia de perfectivo no início da aquisição.

Na próxima seção, discorreremos sobre a relação entre a aquisição da linguagem e a perda da linguagem. Além disso, buscamos descrever interações entre o aspecto gramatical e semântico a partir dessa relação.

1.4 RELAÇÃO ENTRE AQUISIÇÃO E PERDA DE LINGUAGEM

Levando em consideração que a linguagem é um produto da biologia humana, parece plausível discutir como ela está relacionada ao desenvolvimento biológico do sujeito. Mais especificamente, a linguagem tem sido entendida como algo gerado no cérebro. Assim, dois focos que podemos dar aos estudos linguísticos e sua relação com o aparato neural que dá suporte ao conhecimento linguístico dizem respeito a como a linguagem se desenvolve no processo de maturação neuronal das crianças ou como pode ser afetada por lesões cerebrais ou degenerações.

A partir disso, alguns autores buscaram estabelecer uma relação entre o processo de aquisição de linguagem e o de comprometimento linguístico. Segundo Ribot (1887), a ordem de aquisição da linguagem é inversamente espelhada pela ordem de perda da linguagem. Posto isso, autores como Jakobson (1941) e Grodzinsky (1990) afirmam também que o processo de perda linguística segue um decurso inversamente espelhado ao de aquisição, de modo que as categorias adquiridas primeiramente pelas crianças são comprometidas mais tardiamente no processo de perda linguística.

Jakobson (1941), a respeito da perda linguística, propôs a Hipótese da Regressão baseada em dados da fonologia. Esse autor relatou que as crianças adquiriam determinadas distinções fonológicas, como [\pm LABIAL], antes de outras distinções fonológicas, como [\pm VOICED]. Por outro lado, os falantes acometidos pela Afasia de Broca seguiam na direção inversa, perdendo a distinção [\pm VOICED] e mantendo preservada a distinção [\pm LABIAL].

Já Grodzinsky (1990), ao revisar o que foi discutido por Jakobson (1941), propôs o Princípio do Subconjunto. De acordo com esse princípio, cada estágio da aquisição da linguagem é caracterizado por uma determinada gramática e, com a alteração na configuração dos parâmetros no curso da aquisição, o sistema linguístico do indivíduo se move de uma gramática para outra. Assim, no processo de perda linguística, a deterioração ocorre de maneira inversa a desses estágios.

No que diz respeito à investigação da aquisição e da perda especificamente de aspecto gramatical, objeto linguístico desta monografia, tem-se que diversos autores voltam-se para essa temática, ainda que se voltando exclusivamente para o exame da aquisição ou do comprometimento linguístico. Autores como Araújo (2015) e Lessa (2015)

tratam sobre aquisição de aspecto gramatical na L1 e autores como Braga (2004), Martins (2010) e Gomes (2020) propõem-se a investigar aspecto gramatical na perda linguística.

Araújo (2015), ao estudar a aquisição do PB/L1, verificou que há uma tendência de que o aspecto gramatical perfectivo/imperfectivo seja adquirido antes de tempo, indicando que a categoria linguística de aspecto é adquirida antes da de tempo. Com isso, a autora indica que esses dados sustentam que o sintagma de aspecto é dominado pelo sintagma de tempo na representação sintática da sentença.

Gomes (2020), ao estudar perda linguística analisando dados de uma paciente diagnosticada com Afasia Progressiva Primária Logopênica (APPL), uma doença que causa comprometimento linguístico, observou um déficit na categoria linguística de tempo e nenhum comprometimento no aspecto gramatical imperfectivo/perfectivo. Como a paciente com APPL apresentou um déficit em tempo, defende-se que o sintagma de tempo domine o sintagma de aspecto na representação sintática da sentença.

O confronto dos resultados obtidos por Araújo (2015), sobre aquisição de tempo e aspecto gramatical, e Gomes (2020), sobre perda de tempo e aspecto gramatical, vai ao encontro do que foi defendido por Ribot (1883), Jakobson (1941) e Grodzinsky (1990). Além disso, alguns dos autores anteriormente citados buscaram investigar se há comprometimento do aspecto gramatical no processo de perda linguística. Entretanto, nenhum deles se debruçou sobre a investigação da relação entre aspecto gramatical e semântico e do comprometimento das categorias aspectuais semânticas no processo de perda linguística. Dessa forma, tal investigação a ser empreendida neste estudo é uma das contribuições deste trabalho.

Na próxima seção, buscamos descrever a importância dos estudos de gramáticas desviantes, bem como o comprometimento temporo-aspectual na patologia estudada neste trabalho e suas descrições na literatura.

2 O COMPROMETIMENTO TEMPORO-ASPECTUAL NA DOENÇA DE ALZHEIMER

2.1 GRAMÁTICAS DESVIANTES

É possível investigar como o conhecimento linguístico dos indivíduos é representado mentalmente através do estudo da expressão linguística de falantes que possuem uma gramática desviante. Essa diferencia-se da gramática mental de um indivíduo adulto saudável falante nativo de uma determinada língua por não comportar o conhecimento de toda a estrutura linguística representada na gramática mental não desviante. A gramática desviante corresponde àquela de indivíduos aprendendo uma língua estrangeira, de crianças em período de aquisição de linguagem e de indivíduos que foram acometidos por alguma patologia que pode causar comprometimento no módulo da linguagem.

Novaes e Martins (2014) discorrem sobre a importância dos estudos acerca de gramáticas desviantes e sobre a relevância de dados de pacientes portadores dessas gramáticas para o entendimento da representação sintática de certas propriedades da linguagem. Esses autores apresentam duas principais contribuições dos estudos sobre a perda da linguagem, a saber: (i) a possibilidade de formulação de teorias linguísticas, já que esses estudos possibilitam o entendimento das gramáticas mentais de indivíduos saudáveis e a forma como o sistema linguístico interage com outros módulos da mente e (ii) a possibilidade de fornecer um material descritivo sobre as principais alterações na linguagem geradas por uma patologia específica, o que contribui para a caracterização de uma patologia de maneira geral.

Algumas patologias podem causar alterações na linguagem, como a Afasia de Broca, a Doença de Alzheimer, o Transtorno de Desenvolvimento da Linguagem e as Afasias Progressivas Primárias. Neste estudo, o foco recai sobre a Doença de Alzheimer. Em função disso, a próxima seção visa caracterizar duas variantes dessa patologia que foram selecionadas para este estudo e apresentar resultados de pesquisas que foram realizadas sobre a expressão linguística dos pacientes acometidos pela Doença de Alzheimer.

A próxima seção deste capítulo diz respeito à caracterização da patologia selecionada para este estudo, bem como suas variantes, seus respectivos sintomas, características e descrições na literatura.

2.2 A DOENÇA DE ALZHEIMER

A Doença de Alzheimer é uma doença neurodegenerativa que provoca um déficit progressivo e irreversível nas funções cognitivas do indivíduo causando alterações comportamentais no paciente. Teixeira *et al.* (2015) afirmam que a Doença de Alzheimer é uma das demências que mais acometem a população idosa brasileira.

Essa doença recebeu esse nome em homenagem ao médico alemão Alois Alzheimer, o pioneiro na descrição dessa enfermidade. Alzheimer (1907), ao estudar um de seus pacientes que apresentava um comprometimento raro no córtex cerebral, descreveu como sintomas para essa doença um distúrbio progressivo de memória, desorientações espaciais e temporais, discurso linguístico confuso e dificuldades com a nomeação, além de certas dificuldades de compreensão.

O diagnóstico dessa doença pode ser feito através de testes neuropsicológicos, testes de funcionalidade, exclusão de sintomas e testes de neuroimagem estrutural. Entretanto, é importante pontuar que, apesar da possibilidade de aplicação dos testes anteriormente citados para o diagnóstico dessa patologia, apenas a análise do tecido cerebral por biópsia ou necropsia garante o diagnóstico definitivo (CARAMELLI; BARBOSA, 2002; NIETZSCHE, MORAES; JÚNIOR, 2015).

De acordo com Jorm (1985), há três variantes da Doença de Alzheimer, a saber: a variante clássica, denominada na literatura como Doença de Alzheimer (DA), a variante frontal, denominada na literatura como Afasia Progressiva Primária Logopênica (APPL)⁶, e a variante posterior, denominada na literatura como Atrofia Cortical Posterior. Neste trabalho, serão estudadas apenas as variantes clássica (DA) e frontal (APPL), pois, nessas duas, evidenciam-se mais precocemente alterações na expressão linguística dos pacientes (JORM, 1985; GOMES, 2020).

Dubois e Dewer (2003) apontam que as lesões cerebrais causadoras da DA têm seu início na região do cérebro responsável pela memória e, ao se expandirem, podem afetar outras capacidades como a identificação visual, a execução de gestos intencionais e a linguagem. Com relação à linguagem, de acordo com Huff (1988), conforme ocorre o

⁶ Não há um consenso na literatura de que a APPL seja considerada uma variante da Doença de Alzheimer, entretanto grande parte dos investigadores considera que tal patologia seja sim uma variante, levando em conta fatores neuropatológicos identificados nos quadros clínicos da DA e da APPL (JORM 1985; BAEZA *ET AL.* 2012; SERRA-MESTRES, 2017).

processo de neurodegeneração, tanto a compreensão quanto a produção podem ser afetadas, podendo em ambas estarem comprometidos aspectos lexicais, fonológicos, sintáticos, pragmáticos e discursivos.

A APPL, por sua vez, faz parte do grupo de Afasias Progressivas Primárias⁷ (APP). Essas refletem uma deterioração progressiva no âmbito da linguagem, podendo restringir-se a ela por até dez anos (CROOT *et al.*, 2009). A APPL foi descrita recentemente e, por isso, a literatura sobre o assunto ainda é escassa (GOMES, 2020). Essa patologia corresponde a uma doença neurodegenerativa rara, considerada uma variante da Doença de Alzheimer, uma vez que o déficit incide primeiramente sobre as circunvoluções do lobo temporal esquerdo e seus sintomas são similares aos encontrados em níveis iniciais da DA (BAEZA; BUSTOS; OVANDO, 2012).

Segundo Serra-Mestres (2017), a APPL caracteriza-se principalmente por um déficit severo na recuperação lexical, tanto na fala espontânea quanto nas tarefas de nomeação e compreensão de sentenças. Para esse autor, indivíduos acometidos com a APPL apresentam uma lentidão na fala com pausas frequentes para recuperar as palavras desejadas. Entretanto, esses apresentam uma considerável conservação da compreensão de palavras isoladamente.

No que concerne à diferença entre DA e APPL no comprometimento linguístico, vale destacar que, na DA, observa-se um déficit inicial na memória declarativa, sendo a linguagem afetada em momentos posteriores do processo de neurodegeneração, enquanto, na APPL, o déficit inicial recai sobre a linguagem. Tanto na DA quanto na APPL, em estágios iniciais, os pacientes apresentam dificuldades na nomeação de objetos. Porém, ao analisar aspectos neurais e endofenótipos, é possível fazer uma diferenciação entre seus tipos (LEYTON; HODGES, 2013).

2.3 COMPROMETIMENTO SINTÁTICO NA VARIANTE CLÁSSICA DA DOENÇA DE ALZHEIMER

Estudos mostram que pacientes diagnosticados como portadores da DA podem apresentar alterações na expressão linguística relacionada à sintaxe (EMERY, 1985; TOMOEDA *et al.*, 1990). Altmann, Andersen e Kempler (1993) destacaram, a partir de sua

⁷ De acordo com Santos, Ribeiro e Santana (2014), as Afasias Progressivas Primárias subdividem-se em quatro tipos, a saber: APP Agramática (Afasia Não-Fluente), APP Semântica (Afasia Fluente), APP Mista e APP Logopênica.

análise de fala espontânea de falantes nativos do inglês acometidos com DA, que há evidências de erros morfossintáticos como reflexo do comprometimento na competência morfossintática e não do comprometimento lexical.

Autoras como Grober e Bang (1995) se propuseram a estudar a compreensão de sentenças em pacientes falantes nativos do inglês com DA. Como resultado para esse estudo, as autoras discutiram que o déficit na compreensão de sentenças não tem sua origem em um comprometimento semântico, uma vez que os pacientes apresentaram um bom desempenho com sentenças não-reversíveis ativas e passivas. O fato de as sentenças reversíveis não terem sido bem compreendidas foi atribuído a um comprometimento genuinamente sintático, uma vez que sua compreensão dependia de uma análise sintática para entender as relações que os itens presentes nelas estabeleciam entre si.

Entre as noções sintáticas que podem ser comprometidas na DA, encontram-se as relacionadas à flexão verbal, como, por exemplo, tempo, aspecto, modo e concordância (FYNDANIS *et al.*, 2012). A partir deste ponto no texto, revisamos os resultados de estudos sobre o comprometimento temporo-aspectual em pacientes com DA, tendo em visto que este é o foco deste trabalho.

Além dos estudos citados anteriormente que apresentam um panorama geral de déficit linguístico na DA, há diversos estudos que investigam mais especificamente o comprometimento das categorias linguísticas de tempo e aspecto gramatical em indivíduos acometidos pela Doença de Alzheimer (MARTINS, 2010; FYNDANIS *et al.*, 2012; NESPOLI, 2013; GOMES, 2020).

Martins (2010), em seu estudo, fez uma análise da expressão linguística de tempo e aspecto de indivíduos acometidos pela DA falantes nativos do PB a partir de dados experimentais e de fala espontânea. Após a análise, a autora discorreu que os pacientes manifestaram alterações na expressão linguística de tempo, apresentando um problema maior com tempo passado do que com tempo presente, e na expressão de aspecto, apresentando um problema maior com aspecto imperfectivo habitual do que com imperfectivo contínuo e perfectivo.

Fyndanis *et al.* (2012), ao investigarem as categorias linguísticas de tempo, aspecto e concordância em pacientes com DA falantes nativos do grego, observaram que aspecto encontrava-se mais prejudicado quando comparado às demais categorias. Nos resultados obtidos nesse estudo, observou-se que os pacientes apresentavam um desempenho inferior ao

do grupo controle em relação às três categorias, tanto na produção quanto na compreensão e no julgamento de gramaticalidade. No que diz respeito aos valores aspectuais, os autores indicaram que o aspecto imperfectivo estava mais prejudicado do que o perfectivo.

Além desses autores, Nespoli (2013) também se propôs a estudar as categorias de tempo e aspecto em uma paciente portadora da DA falante nativa do PB. A autora desenvolveu um estudo de caso do tipo longitudinal durante dois anos para investigar a evolução do comprometimento linguístico dessas categorias. Ao analisar os dados, a autora verificou um comprometimento gradual das categorias de tempo e aspecto. Dessa forma, a autora defendeu que o déficit linguístico nas categorias de tempo e aspecto foi avançando.

Gomes (2020) realizou um estudo de caso comparando a expressão linguística de uma paciente acometida com DA e outra acometida com APPL para investigar o comprometimento do aspecto gramatical. Diferentemente dos estudos mencionados anteriormente, esse autor verificou também os distintos tipos de aspecto gramatical *perfect*⁸. No que concerne à DA, Gomes (2020) verificou que o tempo passado e o aspecto perfectivo estariam preservados na expressão linguística dessa paciente, ao passo que tempo presente, aspecto imperfectivo e os quatro tipos do aspecto *perfect* estariam comprometidos.

Através dessa revisão de literatura, é possível observar um consenso acerca das descrições sobre o comprometimento das categorias temporo-aspectuais na DA. Os autores Martins (2010), Fyndanis *et al.* (2012) e Gomes (2020) apontam, através de seus estudos, que o aspecto perfectivo estaria mais preservado do que o imperfectivo.

Como mencionado na seção 1.2, o uso de morfologias verbais pode ser motivado por valores aspectuais semânticos durante a aquisição de linguagem. Os estudos de perda da linguagem revisados até este ponto mostraram um déficit temporo-aspectual a partir de realizações morfológicas. Porém, nenhum desses estudos levou em consideração as informações aspectuais semânticas dos predicados.

A partir disso, pretende-se discutir neste trabalho se pacientes com Doença de Alzheimer fazem uso da morfologia de perfectivo no PB de maneira adequada. Especificamente, busca-se verificar se o conhecimento da categoria aspectual de perfectivo mantém-se de fato preservado na gramática mental de pacientes com a Doença de Alzheimer e se o uso da morfologia de perfectivo no PB por esses pacientes é motivado apenas por

⁸ De acordo com Pancheva (2003), o aspecto *perfect* refere-se a um intervalo de tempo que relaciona o momento do evento ao momento de referência, sendo o primeiro anterior ao segundo.

informações aspectuais semânticas, como a de telicidade ou pontualidade, como verificado no início do processo de aquisição linguística.

2.4 COMPROMETIMENTO SINTÁTICO NA AFASIA PROGRESSIVA PRIMÁRIA LOGOPÊNICA

Com relação ao comprometimento linguístico na APPL, observa-se uma escassez nos estudos relacionados à sintaxe (GOMES, 2020). Grande parte dos estudos que descrevem essa patologia se restringe à descrição do perfil linguístico geral dos sujeitos ou à sua diferenciação dos demais tipos de APPs.

Caixeta *et al.* (2014) destacam que a sintaxe está afetada na expressão linguística de indivíduos acometidos pela APPL. No entanto, não apresentam uma descrição detalhada das alterações dessa natureza que podem ser observadas na produção desses pacientes. Por outro lado, DeLeon *et al.* (2012), ao realizarem um estudo em que se buscou comparar os distintos tipos de APPs, verificaram que pacientes acometidos com a APPL apresentavam problemas com sentenças declarativas transitivas em 3ª pessoa do singular, sentenças com palavras QU-com verbo no passado e com sentenças declarativas encaixadas com verbo no passado, tendo o déficit maior incidido sobre esta última. Posto isso, os dados em questão parecem evidenciar que a sintaxe dos pacientes com APPL está comprometida.

Não parece haver muitos estudos que verifiquem uma possível deterioração de categorias temporo-aspectuais na APPL. A busca na literatura realizada até o momento destaca apenas um estudo realizado por Gomes (2020) sobre a APPL, cuja paciente investigada apresentava um déficit que incide sobre o aspecto *perfect* de passado recente⁹ e sobre o tempo presente.

Gomes (2020) comparou o comprometimento sintático tanto na DA quanto na APPL. O déficit na DA era mais abrangente, já que abrangia várias categorias temporo-aspectuais, como descrito na seção 2.3, enquanto na APPL era mais restrito, já que só abrangia o *perfect* de passado recente, sem afetar os outros tipos de *perfect*, e tempo presente.

⁹ O *perfect* de passado recente refere-se à relevância de uma situação passada levando em consideração a proximidade temporal.

A revisão teórica de trabalhos feita até este ponto apresentou evidências de comprometimento sintático na categoria linguística de aspecto gramatical. No entanto, nenhum dos trabalhos citados anteriormente verificou o papel do aspecto semântico.

A partir disso, neste estudo, será investigada mais especificamente a relação entre os traços aspectuais semânticos de telicidade e pontualidade e a morfologia de Pretérito Perfeito na fala espontânea e semiespontânea de pacientes falantes nativos do PB acometidos pelas variantes clássica e frontal da Doença de Alzheimer. Colocam-se à prova as hipóteses: (i) o uso da morfologia de Pretérito Perfeito é motivado por uma informação aspectual semântica na expressão linguística de pacientes diagnosticados como portadores da DA e da APPL falantes nativos do PB e (ii) o aspecto gramatical perfectivo está comprometido em pacientes diagnosticados como portadores da DA e da APPL falantes nativos do PB.

3 METODOLOGIA

A metodologia elaborada para este estudo consiste em uma análise de dados secundários de fala espontânea e semiespontânea coletados por Gomes (2020). Esse autor realizou um estudo duplo de caso em que coletou dados de uma paciente diagnosticada como portadora da DA e uma como portadora da APPL. Em sua metodologia, esses sujeitos foram submetidos a dois testes de funcionalidade, dois testes neuropsicológicos e dois testes linguísticos e suas falas espontâneas e semiespontâneas foram analisadas.

Nesta seção, apresentamos os resultados das pacientes nos testes de funcionalidade e neuropsicológicos, a fim de apresentar uma descrição de seu perfil e compreender o grau de comprometimento cognitivo que possuem, e discorreremos sobre os procedimentos de análise da produção das pacientes portadoras da DA e da APPL.

A paciente portadora da DA possuía cerca de quatro anos de escolaridade, correspondente ao ensino fundamental incompleto, e, durante sua vida profissional, atuou como funcionária do lar. No momento de coleta de dados, encontrava-se com 86 anos de idade e havia recebido o diagnóstico da doença há cerca de três anos. A paciente portadora da APPL, por sua vez, possuía mais de 16 anos de escolaridade, correspondente ao ensino superior completo, e, durante sua vida profissional, atuou na área de terapias alternativas. No momento da coleta de dados, encontrava-se com 62 anos de idade e havia recebido o diagnóstico da doença há cerca de três anos.

Em seu estudo, Gomes (2020) aplicou dois testes de funcionalidade. Esses contêm perguntas que investigam o modo como os indivíduos interagem com a sociedade e verificam as atividades instrumentais de vida diária que ainda são capazes de fazer sozinhos. Esses testes são comumente utilizados no conjunto de métodos adotados para a realização do acompanhamento de síndromes demenciais (FREITAS; MIRANDA, 2011).

Os testes de funcionalidade são preenchidos por informantes colaterais dos pacientes, ou seja, responsáveis ou familiares que convivam com esses sujeitos há alguns anos. No caso da participante acometida com a DA, os testes de funcionalidade foram preenchidos por sua filha e, no caso da participante acometida com APPL, os testes foram preenchidos pela irmã com quem a paciente residia.

O primeiro teste de funcionalidade aplicado foi a versão para o português brasileiro do Questionário de Atividades Funcionais (PFEFFER *et al.*, 1982). Esse tinha por objetivo

avaliar as atividades instrumentais da vida diária que o paciente ainda é capaz de fazer. O teste na íntegra encontra-se disponível no Anexo A contido na página 59. De acordo com esse teste, indivíduos com nota superior a cinco pontos são identificados como apresentando um comprometimento funcional. A paciente com DA obteve 19 pontos enquanto a paciente com a APPL obteve 10 pontos. Em ambos os casos, foi identificado comprometimento funcional, sendo esse maior na primeira paciente do que na segunda.

O segundo teste de funcionalidade aplicado foi o ASHA-FACS, criado por Fratalli *et al.* (1995), que tem por objetivo verificar se o indivíduo é capaz de comunicar-se de maneira eficiente, transmitir informações básicas e organizar-se no planejamento do dia a dia. O teste na íntegra encontra-se disponível no Anexo B contido na página 61. De acordo com esse teste, indivíduos com nota abaixo de 5,9 pontos apresentam comprometimento funcional na comunicação. A paciente com DA obteve 4,35 pontos enquanto a paciente com APPL obteve 4,97 pontos. Em ambos os casos, os resultados indicam que os sujeitos colaterais que convivem com as pacientes percebem dificuldades na comunicação delas de modo geral.

Além dos testes de funcionalidade, foram aplicados também testes neuropsicológicos para auxiliar no entendimento do estado mental dos indivíduos. Diante disso, o primeiro teste neuropsicológico aplicado foi a versão para o português brasileiro do Mini-Exame do Estado Mental (MEEM) (CARAMELLI; NITRINI, 2000), o qual permite uma avaliação de funções cognitivas e colabora no entendimento de quadros demenciais. O teste na íntegra encontra-se disponível no Anexo C contido na página 64. Os indivíduos com nota abaixo de 21,8 pontos apresentam comprometimento cognitivo. A paciente com DA obteve 17 pontos e a paciente com APPL obteve 20 pontos. Em ambos os casos, os resultados indicam que as pacientes apresentam comprometimento cognitivo, sendo o comprometimento daquela superior ao desta.

O segundo teste neuropsicológico aplicado foi o Teste de Ordenamento Sequencial de Eventos, elaborado por Nespoli (2013). Nesse teste, os indivíduos devem ordenar imagens de acordo com a ordem dos eventos representados nelas. O teste na íntegra encontra-se disponível no Anexo D contido na página 65. A paciente diagnosticada como portadora da DA ordenou corretamente apenas seis das dez sequências que lhe foram apresentadas. Já a paciente com APPL acertou nove das dez sequências do teste. Diante disso, parece-nos possível discutir que apenas a paciente com DA demonstra ter um comprometimento com noções relacionadas ao conceito de tempo.

Como resultados dos testes mencionados acima, Gomes (2020) aponta que tanto a paciente acometida com DA quanto a paciente portadora de APPL apresentaram declínio funcional e comprometimento cognitivo, ainda que o déficit na paciente com DA apresente-se de uma maneira mais extensa do que aquele observado na paciente com APPL.

Além disso, Gomes (2020) realizou gravações da fala espontânea e semiespontânea das pacientes diagnosticadas como portadoras da DA e da APPL. Todos os encontros entre pacientes e pesquisador foram gravados em sua totalidade. Dessa forma, a produção das pacientes é proveniente de conversas entre o paciente e o pesquisador, da fala das pacientes durante a aplicação dos testes e da realização de uma entrevista com os sujeitos.

Na parte das entrevistas das sessões, o pesquisador solicitou que as pacientes contassem experiências do passado, narrassem histórias recentes, viagens já realizadas e contassem sobre hábitos passados que elas ainda possuíssem. Apesar de haver um conjunto de comandos e perguntas específicas que as participantes deveriam responder, elas também poderiam compartilhar relatos sobre outros assuntos que desejassem durante a entrevista.

O presente estudo, como mencionado acima, trabalha com dados secundários da pesquisa de Gomes (2020). Mais especificamente, utilizaram-se os dados de fala espontânea e semiespontânea que foram coletados pelo pesquisador durante a integralidade das sessões com as pacientes e foram posteriormente transcritos. A fim de examinar a expressão linguística das pacientes no que concerne a informações aspectuais semânticas e sua relação com a morfologia de Pretérito Perfeito, as transcrições de fala espontânea e semiespontânea das pacientes foram organizadas em planilhas, analisadas e contabilizadas. As planilhas organizadas com os dados da paciente com DA e da paciente com APPL encontram-se nos apêndices A e B, respectivamente.

Na análise fala espontânea e semiespontânea coletada, buscamos verificar todas as ocorrências de Pretérito Perfeito. Através da análise dessas realizações, investigamos se havia alguma correlação com os diferentes valores aspectuais semânticos que pudesse indicar se a escolha da morfologia se deu em função da veiculação do aspecto gramatical em questão (perfectivo) ou em função do aspecto semântico identificado na sentença. Buscamos também verificar se havia algum problema na constituição morfológica dos verbos com valor de perfectivo. E, por fim, analisamos também, nos contextos em que se eliciava o perfectivo, se na resposta obtida utilizava-se ou não a morfologia verbal correspondente.

4 RESULTADOS E ANÁLISES

O presente capítulo propõe-se a apresentar os resultados advindos da aplicação da metodologia descrita no capítulo anterior. Na primeira seção, os resultados que dizem respeito à paciente portadora da DA são apresentados e, na seção seguinte, os resultados da paciente diagnosticada como portadora da APPL.

Ao fim deste capítulo, é apresentada uma comparação entre os resultados obtidos através da análise de fala espontânea e semiespontânea da paciente com DA e da paciente com APPL. Através dessa análise comparativa, pretende-se fazer considerações sobre as distinções encontradas nos resultados obtidos e suscitar uma discussão acerca de como esses dados contribuem para a elaboração de uma teoria linguística sobre tempo e aspecto e para o entendimento das patologias em questão.

4.1 RESULTADOS - PACIENTE COM A VAIANTE CLÁSSICA

Nos dados de fala espontânea e semiespontânea da paciente diagnosticada com DA, foram encontradas 35 ocorrências da morfologia de Pretérito Perfeito no total. Dentre essas, 18 foram associadas a verbos do tipo *accomplishment*, como em (14) e em (15), 10 associadas a verbos do tipo *achievement*, como em (16) e em (17), 4 associadas a verbos do tipo atividade, como em (18) e em (19), 3 associadas a verbos do tipo estado, como em (20) e em (21).

(14) Débora **trouxe** [o bolo]¹⁰.

(15) Lembra daquele teste que eu **fiz**?

(16) É que eu **pulei** [a foto 3] né?

(17) **Colocou** [o ovo] na frigideira.

(18) Só nesses dois lugares que eu **trabalhei**.

(19) Eu já **trabalhei** em laboratório.

(20) Porque agora eu **fiquei** doente né.

(21) **Fiquei** com vestido de noiva na calçada.

¹⁰ Os dados contidos nos colchetes não foram expresso foneticamente pelas pacientes, mas recuperados pelo contexto.

Diante dos resultados expostos acima, elaboramos o gráfico 1, apresentado a seguir. Esse gráfico contém uma sistematização das ocorrências do fenômeno estudado observadas através da análise de fala espontânea e semiespontânea da paciente com DA a fim de que seja possível observar de maneira mais clara os dados explicitados até aqui.



Gráfico 1: Resultados da fala espontânea e semiespontânea da paciente diagnosticada com DA.

É importante pontuar que sempre que o aspecto perfectivo era eliciado nas sessões com a paciente com DA, seja de modo espontâneo ou na entrevista, a paciente respondeu com formas verbais esperadas, como em (22). Além disso, não foi encontrado nenhum caso em que houve erro na conjugação de verbos no Pretérito Perfeito ou incompatibilidade desse com os advérbios/expressões adverbiais utilizadas pela paciente.

(22)[ENTREVISTADOR]: A senhora já **estudou**?

[PACIENTE]: Só **fiz** o quarto ano.

Na seção a seguir, são apresentados os resultados da paciente diagnosticada como portadora da APPL.

4.2 RESULTADOS - PACIENTE COM AFASIA PROGRESSIVA PRIMÁRIA LOGOPÊNICA

Na análise de fala espontânea e semiespontânea da paciente diagnosticada com APPL, foram encontradas 63 ocorrências da morfologia de Pretérito Perfeito no total. Dentre essas, 28 foram associadas a verbos do tipo *accomplishment*, como em (23) e em (24), 15 associadas a verbos do tipo *achievement*, como em (25) e em (26), 4 associadas a verbos do tipo atividade, como em (27) e em (28), e 16 associadas a verbos do tipo estado, como em (29) e em (30).

(23) Ele já **foi** pra lá pra almoçar.

(24) Bom, aqui ele já **limpou** a casa.

(25) Eu **peguei** o metrô - o ônibus.

(26) Aí eu **ganhei** [o teclado] de um amigo.

(27) Eu **viajei** muito quando eu era assim...

(28) Adoro música e sempre **cantei**.

(29) Eu **fiquei** muito sozinha.

(30) **Foi** legal, fiquei esse tempo todo fazendo.

Diante dos resultados expostos nesta seção, elaboramos o gráfico 2, apresentado a seguir. Esse gráfico contém uma sistematização das ocorrências do fenômeno estudado observadas através da análise de fala espontânea e semiespontânea da paciente com APPL a fim de que seja possível observar de maneira mais clara os dados explicitados até aqui.



Gráfico 2: Resultados da fala espontânea e semiespontânea da paciente diagnosticada com APPL.

Durante a análise de fala espontânea e semiespontânea da paciente com APPL, observou-se que sempre que o perfectivo era eliciado nas sessões, seja de modo espontâneo ou na entrevista, a paciente respondeu com formas verbais esperadas, como em (31), exemplo retirado da entrevista, e como em (32), de maneira espontânea. Houve somente um caso em que a expressão adverbial “nunca mais” parece não ter se combinado à morfologia usada, como identificado por Gomes (2020, p. 140), como pode-se observar em (33).

[ENTREVISTADOR]: Você já **viajou**, num já?

[PACIENTE] Eu **viajei** muito (...)

(31) **Anteontem**, ah... **fui** embora! (...) fui lá pra outro lugar.

(32) Eu fiz. Difícil essa parte, caramba... O médico quando fazia essa parte comigo...

Eu **nunca mais lembrava**, mas eu fiz até... Fala aí de novo.

A expressão “nunca mais” observada no exemplo acima apresenta-se com um verbo conjugado no Pretérito Imperfeito e a sentença produzida não parece uma construção natural no PB. Se, por outro lado, o verbo utilizado estivesse conjugado no Pretérito Perfeito, a

sentença produzida soaria natural no PB. Essa ocorrência, portanto, pode indicar uma incompatibilidade entre expressão adverbial e forma verbal.

Na próxima seção, é empreendida uma análise comparativa entre os resultados das duas pacientes investigadas neste estudo.

4.3 COMPARAÇÃO ENTRE OS RESULTADOS DA PACIENTE COM DA E DA PACIENTE COM APPL

Para empreender uma discussão dos resultados obtidos, é importante levar em consideração alguns preceitos básicos apontados na fundamentação teórica deste trabalho que serão cruciais para a análise feita aqui, são eles: Andersen e Shirai (1996), ao falarem da aquisição de linguagem, postulam a Hipótese da Primazia do Aspecto (HPA) e descrevem que a morfologia de perfectivo emerge associada primeiramente a verbos que figuram em sentenças télicas e, somente depois, associa-se àqueles que figuram em sentenças atélicas. Bloom, Lifter e Hafitz (1980), anteriormente, já haviam sugerido que essa morfologia emerge associada primeiramente a verbos pontuais. Jakobson (1941) e Grodzinsky (1990) afirmam que o processo de perda linguística segue uma direção espelhada ao de aquisição, de maneira que as categorias adquiridas primeiramente pelas crianças são comprometidas mais tardiamente no processo de perda da linguagem.

Posto isso, buscamos verificar com este trabalho se a previsão da HPA no que concerne ao uso da morfologia de perfectivo também se sustentava no processo de perda linguística. Em outras palavras, pretendeu-se verificar se, no processo de deterioração linguística, a morfologia de perfectivo apareceria associada a valores aspectuais semânticos e não a valores aspectuais gramaticais, indicando, assim, um comprometimento com o aspecto gramatical perfectivo.

A paciente com DA realizou a morfologia de Pretérito Perfeito associada aos quatro tipos de verbo: *accomplishments*, *achievements*, atividades e estados. É importante pontuar que os verbos de *accomplishment* e *achievement* possuem a propriedade aspectual semântica de telicidade, o que poderia ser um motivador para a escolha dessa morfologia de acordo com Andersen e Shirai (1996), e os verbos de *achievement* possuem a propriedade aspectual semântica de pontualidade, o que poderia ser um motivador para a escolha dessa morfologia de acordo com Bloom, Lifter e Hafitz (1980). Entretanto, todos os tipos de verbo, mesmo

aqueles que não possuem as propriedades aspectuais semânticas de telicidade e pontualidade, foram realizados com a morfologia de Pretérito Perfeito na fala da paciente.

É importante ressaltar que, na fala da paciente com DA, grande parte das ocorrências da morfologia de Pretérito Perfeito foi associada a verbos que figuram em sentenças télicas, havendo apenas 4 ocorrências com verbos de atividade e 3 com verbos de estado. Entretanto, isso não pode ser entendido como um indicador de que a paciente esteja associando essa morfologia ao valor aspectual télico por dois motivos: (i) ainda que o número dessas ocorrências seja baixo, essas realizações estão presentes na produção da paciente e servem como evidências de que ela também associa a morfologia de Pretérito Perfeito a verbos que figuram em sentenças atélicas e (ii) estudos sobre a fala de pacientes saudáveis adultos parecem evidenciar uma preferência entre esses sujeitos pelo uso da morfologia de Pretérito Perfeito com verbos que figuram em sentenças télicas, mesmo que outras possibilidades sejam possíveis, de modo que a fala da paciente parece ir ao encontro da fala de sujeitos saudáveis (BYBEE, 1985 *apud* ANDERSEN; SHIRAI, 1996). Diante disso, conclui-se que a motivação da escolha de Pretérito Perfeito na fala dessa paciente é justamente a expressão do aspecto perfectivo e não a propriedade aspectual semântica de telicidade.

Na mesma direção, no que diz respeito à informação aspectual semântica de pontualidade, informação também apontada como motivadora do uso da morfologia de Pretérito Perfeito, dados de verbos pontuais e não pontuais foram encontrados com tal morfologia na fala da paciente. Inclusive, destaca-se que a paciente com DA realizou linguisticamente mais que o dobro de vezes verbos dos tipos *accomplishment*, atividade e estado somados, que são marcados positivamente para duratividade, do que verbos do tipo *achievement*, que são marcados negativamente para duratividade. Tal resultado evidencia também que a escolha de Pretérito Perfeito na fala dessa paciente é motivada pela expressão do aspecto perfectivo e não pela propriedade aspectual semântica de pontualidade.

Com relação à paciente com APPL, um quadro semelhante é observado. A paciente realiza a morfologia de Pretérito Perfeito associada aos quatro tipos de verbo, ou seja, com aqueles que figuram tanto em sentenças télicas quanto atélicas, bem como tanto com aqueles que são pontuais quanto com aqueles que são durativos. Analisando as realizações pela paciente da morfologia em questão, observa-se que ela é empregada amplamente com todos os tipos de verbo, havendo apenas um número menor de ocorrências (quatro ocorrências) com os verbos de atividade. Assim, não é possível argumentar que quaisquer propriedades

aspectuais semânticas estejam realmente sendo motivadoras do uso dessa morfologia. Esse resultado corrobora a ideia de que o uso da morfologia de Pretérito Perfeito parece motivado pela necessidade de pela expressão do aspecto perfectivo e não pela propriedade aspectual semântica de telicidade ou pontualidade.

Apesar de termos observado uma ocorrência de uma possível incongruência entre uma expressão adverbial e a morfologia verbal, como no exemplo em (35), não consideramos este dado como suficiente para sustentar a evidência de uma deterioração aspectual de perfectividade. A ocorrência em questão pode ser interpretada como um problema de desempenho, tendo em vista que a paciente, em todos os demais contextos, utiliza corretamente a morfologia de Pretérito Perfeito.

Tanto na fala espontânea e semiespontânea da paciente com DA quanto na da paciente com APPL, a morfologia de Pretérito Perfeito foi mais amplamente associada a verbos do tipo *accomplishment*. Discutimos que a grande ocorrência de *accomplishments* com essa morfologia, quando comparado com os outros tipos de verbos, pode ser decorrente da possibilidade de uma tendência de uso desse tipo de verbo com o Pretérito Perfeito, como observado nos dados de sujeitos saudáveis (ANDERSEN; SHIRAI, 1996; GOMES; MARTINS, 2020).

Outro ponto relevante nos dados diz respeito ao fato de que todos os usos da morfologia estudada foram apropriados aos contextos. Tal quadro sugere também que o motivador do uso da morfologia de Pretérito Perfeito não seja as informações aspectuais semânticas, mas sim a informação aspectual gramatical de perfectivo. Desse modo, argumenta-se que tal aspecto esteja preservado na gramática mental das pacientes estudadas.

Gomes (2020), ao aplicar experimentos linguísticos às mesmas pacientes investigadas neste estudo, observou que o conhecimento linguístico de aspecto perfectivo estava preservado em suas gramáticas mentais, tendo em vista que ambas tiveram um bom desempenho nas condições experimentais que testavam esse valor aspectual. Assim, os dados experimentais de seu estudo vão ao encontro da discussão empreendida neste trabalho, realizado com dados secundários desse mesmo autor de fala espontânea e semiespontânea das pacientes.

A afirmação de que o perfectivo está preservado na gramática de pacientes acometidos pela Doença de Alzheimer encontra embasamento também em dados de estudos feitos por outros autores, além dos descritos aqui e em Gomes (2020). Martins (2010), por exemplo, a

partir de dados de testes linguísticos e de fala espontânea de pacientes acometidos por essa patologia falantes nativos do português brasileiro, argumentou que o perfectivo encontrava-se mais preservado do que o imperfectivo nos pacientes investigados. Fyndanis *et al.* (2012), sobre pacientes acometidos pela Doença de Alzheimer falantes nativos de grego, identificaram também que o aspecto imperfectivo estava mais prejudicado do que o perfectivo.

Assim, os dados deste estudo contribuem para o entendimento acerca do comprometimento temporo-aspectual na Doença de Alzheimer de maneira geral. Mais especificamente, este estudo apresenta evidências de preservação do aspecto gramatical perfectivo e também indica que, pelo menos em momentos mais iniciais da patologia, a morfologia de Pretérito Perfeito parece ser guiada por informações relativas ao aspecto gramatical veiculado, uma vez que seu uso não se restringe a um determinado valor aspectual semântico das sentenças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi investigar a interação entre aspecto gramatical e semântico. Mais especificamente, buscou-se investigar (i) se o uso da morfologia de Pretérito Perfeito é motivado por alguma informação aspectual semântica na expressão linguística de pacientes diagnosticados como portadores da DA e da APPL falantes nativos do PB e (ii) se o aspecto gramatical perfectivo pode ser comprometido em pacientes diagnosticados como portadores da DA e da APPL falantes nativos do PB.

Foram formuladas as seguintes hipóteses para esta investigação: (i) o uso da morfologia de Pretérito Perfeito é motivado por uma informação aspectual semântica na expressão linguística de pacientes diagnosticados como portadores da DA e da APPL falantes nativos do PB e (ii) o aspecto gramatical perfectivo está comprometido em pacientes diagnosticados como portadores da DA e da APPL falantes nativos do PB. A metodologia deste estudo consistiu em uma análise de dados secundários de fala espontânea e semiespontânea coletados por Gomes (2020).

Observou-se que, nos dados de fala espontânea e semiespontânea tanto da paciente com DA quanto com APPL, a morfologia de Pretérito Perfeito foi associada a todos os tipos de verbo. Dessa forma, argumentamos que o uso do Pretérito Perfeito era motivado pela informação aspectual gramatical de perfectivo veiculada nas sentenças, não pelos valores aspectuais semânticos. Além disso, o uso da morfologia de Pretérito Perfeito deu-se de maneira adequada em todos os contextos, o que sugere também que o aspecto perfectivo não está comprometido na gramática mental dessas pacientes. Dessa forma, as hipóteses (i) e (ii) foram refutadas.

Como passos futuros deste trabalho, pretendemos debruçar-nos sobre o estudo de um possível comprometimento linguístico do aspecto imperfectivo e suas subclassificações em indivíduos com Doença de Alzheimer. Os estudos de Martins (2010), Fyndanis *et al* (2012) e Gomes (2020) parecem indicar que o imperfectivo não está preservado na gramática mental de pacientes acometidos por essa patologia. Faz-se necessário, porém, examinar com maior detalhamento a expressão do aspecto imperfectivo, pois os estudos citados anteriormente não se aprofundam na investigação das subclassificações desse aspecto e da sua relação com o aspecto semântico.

REFERÊNCIAS

- ALTMANN, L.; ANDERSEN, E.; KEMPLER, H. Re-evaluating syntactic preservation in Alzheimer's disease. **Poster presented at the 1993 meeting of the Academy of Aphasia**, Tucson, Az, October, p. 1069 - 1082, 1993.
- ALZHEIMER, A. Übereineeig en artige Erkrankung der Hirnrinde. **Allg Zeitschr Psychiatr**, v. 64, p. 146 - 148, 1907.
- ANDERSEN, R. La adquisición de la morfología verbal. **Linguística**, Caracas, v.1, p. 89 -141, 1989.
- ANDERSEN, R.; SHIRAI, Y. The primacy of spect in first and second language acquisition: the pidgin- creole connection. In: RITCHIE, W.C.; BHATIA, T.K. (Eds.) *Handbook of second language acquisition*. California: Academic Press, 1996. p. 527 - 560.
- ANTINUCCI, F; MILLER, R. How children talk about what happened. **Journal of Child Language**, Cambridge, v. 3, n. 2, p. 169 - 189, 1976. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0305000900001434>
- ARAÚJO, A.; LIMA, D.; NASCIMENTO, I.; ALMEIDA, A.; ROSA, M. Linguagem em idosos com doença de Alzheimer: uma revisão sistemática. **CEFAC**, v. 17, n. 5, p. 1657 -1663, 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-021620151754215>.
- BAEZA, S; BUSTOS, C.; OVANDO, P. Afasia logopénica: presentación de un caso y revisión de la literatura. **Rev Chil Neuro-psiquiat**, v. 50, n.3, p. 166 - 173, 2012. DOI: <http://dx.doi.org/10.4067/S0717-92272012000300006>.
- BASSO, R. **Telicidade e detelicização**: semântica e pragmática do domínio tempo-aspectual. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas, Campinas, 2007.
- BERTOLUCCI, P.; BRUCKI, S.; CAMPACCI, S.; JULIANO, Y. O mini-exame do estado mental em uma população geral: impacto da escolaridade. **Arq Neuropsiquiatr**, v. 52, p. 1 - 7, 1994. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/anp/v52n1/01.pdf>. Acesso em: 28 de outubro de 2021.
- BLOOM, L., LIFTER, K.; HAFITZ J. Semantics of verbs and the development of verb inflection in child language. **Language**, Nova Iorque, v.56, p. 386 - 412, 1980.
- BRAGA, M. **O traço aspectual no agramatismo**: reformulando a hipótese da poda da árvore. 2004. Dissertação (Mestrado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.
- BRONCKART, J. P.; SINCLAIR, H. Time, Tense and Aspect. **Cognition**, v. 2, p.107 - 130, 1973. DOI: [https://doi.org/10.1016/0010-0277\(72\)90032-7](https://doi.org/10.1016/0010-0277(72)90032-7)

CAIXETA, L. **Demências do tipo não Alzheimer**: demências focais frontotemporais. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CARAMELLI, P.; BARBOSA, T. Como diagnosticar as quatro causas mais frequentes de demência. **Rev. Bras.Psiquiatr.**, v. 24, p. 7 - 10, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/0D/rbp/v24s1/8850.pdf>. Acesso em: 28 de outubro de 2021.

CARAMELLI, P.; NITRINI, R. Como avaliar de forma breve e objetiva o estado mental de um paciente. **Rev. Assoc. Med. Bras.**, v. 46, n.4, p. 301 - 301, 2000. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-42302000000400018>.

CHOMSKY, N. **Syntactic structures**. The Hague: Mouton, 1957.

CHOMSKY, N. **Aspects of the Theory of Syntax**. Cambridge: MIT, 1965.

CHOMSKY, N. **The minimalist program**. Cambridge, MA: MIT Press, 1995.

COMRIE, B. **Aspect**: an introduction to the study of verbal aspect and related problems. Cambridge, MA: Cambridge University Press, 1976.

COMRIE, B. **Tense**. Cambridge, MA: Cambridge University Press, 1985.

CROOT, K.; NICKELS, L.; LAURENCE, F.; MANNING, M. Impairment and activity/participation-directed interventions in progressive language impairment: Clinical and theoretical issues. **Aphasiology**, v. 22, n.1 p. 125 - 160, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1080/02687030801943179>.

DE MIGUEL, E. El aspecto léxico. In: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. (Eds.). **Gramática Descriptiva de la lengua Española**. Madrid: Espasa Calpe, 1999. p. 2977 - 3060.

DUBOIS, B.; DEWEER, B. Une maladie Du cerveau. **La Recherche**, hors série, janvier 2003.

EMERY, V. Language and aging. **Experimental aging research**, v. 2, p. 3 - 62, 1985. DOI: <https://doi.org/10.1080/03610738508259280>.

FODOR, J. **The modularity of mind**. Cambridge, MA: The MIT Press, 1983.

FREITAS, E.; MIRANDA, R. Avaliação geriátrica ampla. In: FREITAS, E.; PY, L. (Eds.). **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011. p. 970 - 978.

FRIEDRICH, P. On Aspect Theory and Homeric Aspect. **IJAL Momoir**, 28. Chicago, Illinois: University of Chicago Press, 1974.

FYNDANIS, V.; MANOUILIDOU, C.; KOUFOU, E.; KARAMPEKIOS, S.; TSAPAKIS, E. M. Agrammatic patterns in Alzheimer's disease: Evidence from tense, agreement, and aspect. **Aphasiology**, v. 27, n. 2, p. 178 - 200, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1080/02687038.2012.705814>.

GOMES, J. **O comprometimento do aspecto perfect na Doença de Alzheimer**. 2020. Dissertação (Mestrado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

GOMES, J; MARTINS, A. **Telicidade e determinantes plurais indefinidos no espanhol da Espanha**. 2020. Domínios de Lingu@gem, v. 14, n. 2, p. 482 - 509. DOI: 10.14393/DL42-v14n2a2020-6

GROBER, E.; BANG, S. Sentence comprehension in Alzheimer's disease. **Developmental Neuropsychology**, v. 11, p. 95 - 107, 1995. DOI: <https://doi.org/10.1080/87565649509540606>.

GRODZINSKY, Y. **Theoretical perspectives on language deficits**. Cambridge: MIT Press, 1990.

HUFF, F. The disorder of naming in Alzheimer's disease. In: LIGHT, L.; BURKE, D. (Eds.). **Language, memory and aging**. Cambridge: Cambridge University Press, 1988. p. 209 - 220.

IATRIDOU, S.; ANAGNOSTOPOULOU, E.; IZVORSKI, R. Observations about the form and meaning of the perfect. In: ALEXIADOU, A.; RATHERT, M.; VON STECHOW, A. (Eds.). **Perfect Explorations**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2003. p. 153 - 205.

JAKOBSON, R.; **Child language, aphasia, and phonological universals**. The Hague: Mouton, 1941.

JORM, A. Subtypes of Alzheimer's dementia a conceptual analysis and critical review. **Psychological Medicine**, v. 15, n.3, p. 543 - 553, 1985. DOI: <https://doi.org/10.1017/S003329170003141X>.

KATO, M. Sintaxe e aquisição na teoria de princípios e parâmetros. **Letras de Hoje**. v.102, p. 57 - 74, 1995.

LESSA, A. **Tempo em Alzheimer: linguagem, conceito e memória**. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

LEYTON, C.; HODGES, J. Towards a clearer definition of logopenic progressive aphasia. **Curr Neurol Neurosci Rep.**, v. 13, n.11, p. 1 - 7, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1007/s11910-013-0396-6>.

MARTINS, A. **A desintegração de tempo na demência do tipo Alzheimer**. 2010. Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

NESPOLI, J. **Tempo e aspecto na demência do tipo Alzheimer: um estudo longitudinal**. 2013. Dissertação (Mestrado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

NESPOLI, J. **Representação mental do perfect e suas realizações nas línguas românicas: um estudo comparativo**. 2018. Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

NESPOLI, J.; NOVAES, C. Um estudo longitudinal de tempo e aspecto na demência do tipo Alzheimer. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 51, n.3, p. 358 - 366, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.15448/1984-7726.2016.3.25477>.

PFEFFER, R.; KUROSAKI, T.; HARRAH, C.; CHANCE, J.; FILOS, S. Measurement of functional activities in older adults in the community. **Journal of Gerontology**, v.37, 323 - 329, 1982. DOI: <https://doi.org/10.1093/geronj/37.3.323>.

RIBOT, A.; **Diseases of memory: An essay in the positive psychology**. Washington: University Publications of America, 1883.

RODRIGUES, F. **Processamento de tempo e aspecto em indivíduos afásicos de Broca**. 2011. Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

SANZ, M. LAKA, I. Oraciones transitivas con se: el modo de acción en la sintaxis. In: LOPEZ, C. (Ed.). **Las construcciones con se**. Madrid: Visor Libros, 2002. p. 309 - 336.

SERRA-MESTRES, J. Afasia progresiva primaria: aspectos clínicos y diagnósticos. **Informaciones psiquiátricas**, n. 228, p. 13 - 23, 2017. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6977813>.

SHIRAI, Y.; ANDERSEN, R. W. **The acquisition of tense/aspect morphology: A prototype account**. 1995. **Language**, v. 2, p. 743 - 62.

SMITH, C. **The parameter of aspect**. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1991.

TEIXEIRA, J.; JUNIOR, P.; HIGA, J.; FILHA, M. Doença de Alzheimer: estudo de mortalidade no Brasil, 2000-2009. **Cad. Saúde Pública**, v. 31, p. 1 - 12, Rio de Janeiro, 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311X00144713>.

TOMOEDA, C.; BAYLES, K.; BOONE, D.; KASZNIAK, A.; SLAUSON, T. Speech rate and syntactic complexity effects on the auditory comprehension of Alzheimer patients. **Journal of communication Disorders**, v. 23, p. 151 - 161, 1990. DOI: [https://doi.org/10.1016/0021-9924\(90\)90019-U](https://doi.org/10.1016/0021-9924(90)90019-U).

VENDLER, Z. **Linguistics in Philosophy**. Ithaca: Cornell, 1967.

WACHOWICZ, T. C. **As leituras aspectuais da forma do progressivo do português brasileiro**. 2003. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

APÊNDICES

APÊNDICE A – SISTEMATIZAÇÃO DAS OCORRÊNCIAS DE PRETÉRITO PERFEITO NA FALA DA PACIENTE COM DA

Pretérito Perfeito do Indicativo	durativo	Télico	Estativo	tipo de verbo	aspecto gramatical
Só fiz o quarto ano	+	+	-	<i>Accomplishment</i>	Perfectivo
Lembra daquele teste que eu fiz ?	+	+	-	<i>Accomplishment</i>	Perfectivo
Bateu ele [=o limão]?	+	+	-	<i>Accomplishment</i>	Perfectivo
O que eu falei tá certo.	+	+	-	<i>Accomplishment</i>	Perfectivo
Não organizou nada ainda	+	+	-	<i>Accomplishment</i>	Perfectivo
Aí eu arrumei, ele pegou, agarrou e levou ela.	+	+	-	<i>Accomplishment</i>	Perfectivo
Aí eu arrumei , ele pegou, agarrou e levou ela.	+	+	-	<i>Accomplishment</i>	Perfectivo
Não fiz nada que prestasse ali	+	+	-	<i>Accomplishment</i>	Perfectivo
eu aprontei ela e ela o Ronaldo levou .	+	+	-	<i>Accomplishment</i>	Perfectivo
eu aprontei ela e ela o Ronaldo levou.	+	+	-	<i>Accomplishment</i>	Perfectivo
Débora trouxe (bolo)	+	+	-	<i>Accomplishment</i>	Perfectivo
Já ralou [a cenoura]	+	+	-	<i>Accomplishment</i>	Perfect Existencial
Já fez [a barba]	+	+	-	<i>Accomplishment</i>	Perfect Existencial
Já arrumou [a cama]	+	+	-	<i>Accomplishment</i>	Perfect Existencial
Já calçou , né?	+	+	-	<i>Accomplishment</i>	Perfect Existencial
Eu já fiz esse teste. (2x)	+	+	-	<i>Accomplishment</i>	Perfect Existencial
Já bateu [os limões], né?	+	+	-	<i>Accomplishment</i>	Perfect Existencial
Já escreveu [o texto]	+	+	-	<i>Accomplishment</i>	Perfect Existencial
Aí eu arrumei, ele pegou , agarrou e levou ela.	-	+	-	<i>Achievement</i>	Perfectivo
Aí eu arrumei, ele pegou, agarrou e levou ela.	-	+	-	<i>Achievement</i>	Perfectivo
É que eu pulei [a foto 3] né?	-	+	-	<i>Achievement</i>	Perfectivo
Colocou [o ovo] na frigideira	-	+	-	<i>Achievement</i>	Perfectivo
Saiu torto	-	+	-	<i>Achievement</i>	Perfectivo
Eu me esqueci	-	+	-	<i>Achievement</i>	Perfectivo
Já terminou	-	+	-	<i>Achievement</i>	Perfect Existencial
Já esqueci .	-	+	-	<i>Achievement</i>	Perfect Existencial

Não sai do Rio de Janeiro.	-	+	-	<i>Achievement</i>	Perfect Existencial
Já tirou [o ovo]	-	+	-	<i>Achievement</i>	Perfect Existencial
Ah, já casou	-	+	-	<i>Achievement</i>	Perfect Existencial
Eu fui trabalhar na PUC.	+	-	+	Atividade	Perfectivo
Só nesses dois lugares que eu trabalhei	+	-	+	Atividade	Perfectivo
Eu já trabalhei em laboratório	+	-	+	Atividade	Perfect Existencial
Fiquei com vestido de noiva na calçada	+	////////////////	+	Estado	Perfectivo
Porque agora eu fiquei doente né	+	////////////////	+	Estado	Perfectivo
Fiquei sentada aqui que é meu lugar.	+	////////////////	+	Estado	Perfectivo

APÊNDICE B – SISTEMATIZAÇÃO DAS OCORRÊNCIAS DE PRETÉRITO PERFEITO NA FALA DA PACIENTE COM APPL

Pretérito Perfeito do Indicativo	durativo	télico	estático	tipos de verbos	aspecto gramatical
(...) mas eu fiz até [a parte x do exame]... (...)	+	+	-	<i>Accomplishment</i>	Perfectivo
eu fui pra lá pra isso	+	+	-	<i>Accomplishment</i>	Perfectivo
(...) eu falei que era quarta-feira	+	+	-	<i>Accomplishment</i>	Perfectivo
Aí, quando eles vieram, eu fui pra lá pra isso, mas eu já trabalhava com o.. no Japão, com o pessoal do Japão.	+	+	-	<i>Accomplishment</i>	Perfectivo
aliás fomos [na UFRJ] à toa	+	+	-	<i>Accomplishment</i>	Perfectivo
Em compensação tudo que ele ligou pra mim, até agora...	+	+	-	<i>Accomplishment</i>	Perfectivo
não adiantou , não adiantou. [pedir para ela]	+	+	-	<i>Accomplishment</i>	Perfectivo
Ah, caramba, isso que eu falei pra você	+	+	-	<i>Accomplishment</i>	Perfectivo
Aí é que eu fui pro Nordeste.	+	+	-	<i>Accomplishment</i>	Perfectivo
fui há pouco, né, com uma amiga justamente por isso, porque... é difícil	+	+	-	<i>Accomplishment</i>	Perfectivo
Eu fui [pro bar] todos os dias, quando eu saía do coisa... Como é que eles chamam? pra beber? pra sentar?	+	+	-	<i>Accomplishment</i>	Perfectivo
E você já comeu [alguma coisa] ?	+	+	-	<i>Accomplishment</i>	Perfect Existencial
falei assim vou dar um rolé aí.	+	+	-	<i>Accomplishment</i>	Perfectivo
Anteontem, ah... fui embora!* Fui embora, assim,	+	+	-	<i>Accomplishment</i>	Perfectivo
fui lá [na UFRJ] pra outro lugar ali	+	+	-	<i>Accomplishment</i>	Perfectivo
E nós moráva... dividimos o apartamento nós duas durante anos,	+	+	-	<i>Accomplishment</i>	Perfectivo
E eu só voltei pra cá porque minha mãe tava doente.	+	+	-	<i>Accomplishment</i>	Perfectivo
mas aí eu voltei pra casa.	+	+	-	<i>Accomplishment</i>	Perfectivo
O Renato tinha arrumado, fez um lugar legal pra eu estudar, não sei o que...	+	+	-	<i>Accomplishment</i>	Perfectivo
mas aqui fez exatamente uma coisa que poxa, isso aqui é maravilhoso	+	+	-	<i>Accomplishment</i>	Perfectivo
É... aquilo não me disse nada, tudo bem, tá bom, é outra coisa.	+	+	-	<i>Accomplishment</i>	Perfectivo
Agora, eu viajar pra... só uma vez que eu fiz por causa dos japoneses	+	+	-	<i>Accomplishment</i>	Perfectivo
porque eu já falei que é aqui sim que eu vou tomar banho,	+	+	-	<i>Accomplishment</i>	Perfect Existencial

Já pedi pra ela n... não tem jeito.	+	+	-	<i>Accomplishment</i>	Perfect Existencial
eu já falei pra ela não vou mais brigar, qualquer coisa eu desço.	+	+	-	<i>Accomplishment</i>	Perfect Existencial
Ele já foi pra lá pra almoçar.	+	+	-	<i>Accomplishment</i>	Perfect Existencial
Eu já fui lá...	+	+	-	<i>Accomplishment</i>	Perfect Existencial
Bom, aqui ele já limpou a casa .	+	+	-	<i>Accomplishment</i>	Perfect Existencial
a gente parou	-	+	-	<i>Achievement</i>	Perfectivo
Então, é assim, se eu foquei um negócio aqui, depois de... de... né, aí não deu .	-	+	-	<i>Achievement</i>	Perfectivo
Então, é assim, se eu foquei um negócio aqui, depois de... de... né, aí não deu .	-	+	-	<i>Achievement</i>	Perfectivo
ninguém, me deu nenhuma dose, nenhuma... sabe, nenhuma coisa assim...	-	+	-	<i>Achievement</i>	Perfectivo
Depois quando eu saí de lá eu fui andar.	-	+	-	<i>Achievement</i>	Perfectivo
Depois quando eu saí de lá eu fui andar.	-	+	-	<i>Achievement</i>	Perfectivo
Mas aí eu fui [ouvir japones] agora...	-	+	-	<i>Achievement</i>	Perfectivo
o rapaz esqueceu lá o que que foi.	-	+	-	<i>Achievement</i>	Perfectivo
isso aconteceu uma vez,	-	+	-	<i>Achievement</i>	Perfectivo
isso aconteceu uma vez,	-	+	-	<i>Achievement</i>	Perfectivo
Eu me lembrei como é que eu botava na minha irmã.	-	+	-	<i>Achievement</i>	Perfectivo
Fugiu o nome. Espera aí. É... eu... Faculdade... Espera aí... Droga...	-	+	-	<i>Achievement</i>	Perfectivo
mas aí até dei [o violão] pro meu irmão	-	+	-	<i>Achievement</i>	Perfectivo
Aí eu ganhei [o teclado] de um amigo	-	+	-	<i>Achievement</i>	Perfectivo
peguei o metrô- o ônibus,	-	+	-	<i>Achievement</i>	Perfectivo
aí eu deixei pra lá.	-	+	-	<i>Achievement</i>	Perfectivo
Ela ajudou em muitas coisas e tal, mas aí eu voltei pra casa.	+	-	+	Atividade	Perfectivo
Eu viajei muito quando eu era, assim, porque eu trabalhava com... Enfim.	+	-	+	Atividade	Perfectivo
Falamos em carro?	+	-	+	Atividade	Perfectivo
eu adorava... adoro música e sempre cantei	+	-	+	Atividade	Perfectivo
O nome do marido nãñã e o nosso ficou assim.	+	////////////////	+	Estado	Perfectivo

(...) Aí eu conheci um bando de gente. Ninguém entregava... Não conseguia se entender. Era bom.	+	////////////////////	+	Estado	Perfectivo
Ficou confuso.	+	////////////////////	+	Estado	Perfectivo
...que eu fiquei lá por dois meses, dois anos.	+	////////////////////	+	Estado	Perfectivo
Só sei que a gente ficou um tempão lá	+	////////////////////	+	Estado	Perfectivo
ficou mais confuso.	+	////////////////////	+	Estado	Perfectivo
Ficou pior.	+	////////////////////	+	Estado	Perfectivo
não ficou muito bom o negócio	+	////////////////////	+	Estado	Perfectivo
Até pensei que dava, mas não dava não.	+	////////////////////	+	Estado	Perfectivo
foi muito bom	+	////////////////////	+	Estado	Perfectivo
Aí fiquei de onda, tá vendo?	+	////////////////////	+	Estado	Perfectivo
Foi legal, fiquei esse tempo todo fazendo.	+	////////////////////	+	Estado	Perfectivo
Foi legal, fiquei esse tempo todo fazendo.	+	////////////////////	+	Estado	Perfectivo
Eu fiquei muito sozinha.	+	////////////////////	+	Estado	Perfectivo
(...) que eu fiquei lá por dois meses, dois anos. Quase um ano... no Japão.	+	////////////////////	+	Estado	Perfectivo
E eles ainda não entenderam que... claro que isso tudo vai, de alguma forma, piorar... mas a vida não é assim.	+	////////////////////	-	Estado	Perfect Existencial

ANEXOS

ANEXO A - VERSÃO FEITA PARA O PORTUGUÊS BRASILEIRO DO QUESTIONÁRIO DE ATIVIDADES FUNCIONAIS

Nome do paciente: _____ Data: ____/____/____

Seu nome: _____ Parentesco: _____

Marque com um X o item que melhor descreve a forma como o (a) paciente age atualmente:

1) Ele (a) manuseia seu próprio dinheiro?

- Normal (ou: Nunca fez, mas poderia fazê-lo agora)
- Faz com dificuldades (ou: Nunca o fez e agora teria dificuldades)
- Necessita de ajuda
- Não é capaz.

2) Ele (a) é capaz de comprar roupas, comida, coisas para casa sozinho (a)?

- Normal (ou: Nunca fez, mas poderia fazê-lo agora)
- Faz com dificuldades (ou: Nunca o fez e agora teria dificuldades)
- Necessita de ajuda
- Não é capaz.

3) Ele (a) é capaz de esquentar água para o café e apagar o fogo?

- Normal (ou: Nunca fez, mas poderia fazê-lo agora)
- Faz com dificuldades (ou: Nunca o fez e agora teria dificuldades)
- Necessita de ajuda
- Não é capaz.

4) Ele (a) é capaz de preparar uma comida?

- Normal (ou: Nunca fez, mas poderia fazê-lo agora)
- Faz com dificuldades (ou: Nunca o fez e agora teria dificuldades)
- Necessita de ajuda
- Não é capaz.

5) Ele (a) é capaz de manter-se em dia com as atualidades, com os acontecimentos da comunidade ou da vizinhança?

- Normal (ou: Nunca fez, mas poderia fazê-lo agora)
- Faz com dificuldades (ou: Nunca o fez e agora teria dificuldades)
- Necessita de ajuda
- Não é capaz.

6) Ele (a) é capaz de prestar atenção, entender e discutir um programa de rádio ou televisão, um jornal ou uma revista?

- Normal (ou: Nunca fez, mas poderia fazê-lo agora)

- Faz com dificuldades (ou: Nunca o fez e agora teria dificuldades)
- Necessita de ajuda
- Não é capaz.

7) Ele (a) é capaz de lembrar-se de compromissos, acontecimentos familiares, feriados?

- Normal (ou: Nunca fez, mas poderia fazê-lo agora)
- Faz com dificuldades (ou: Nunca o fez e agora teria dificuldades)
- Necessita de ajuda
- Não é capaz.

8) Ele (a) é capaz de manusear seus próprios remédios?

- Normal (ou: Nunca fez, mas poderia fazê-lo agora)
- Faz com dificuldades (ou: Nunca o fez e agora teria dificuldades)
- Necessita de ajuda
- Não é capaz.

9) Ele (a) é capaz de passear pela vizinhança e encontra o caminho de volta para casa?

- Normal (ou: Nunca fez, mas poderia fazê-lo agora)
- Faz com dificuldades (ou: Nunca o fez e agora teria dificuldades)
- Necessita de ajuda
- Não é capaz.

10) Ele (a) pode ser deixado (a) em casa sozinho (a) de forma segura?

- Normal (ou: Nunca fez, mas poderia fazê-lo agora)
- Faz com dificuldades (ou: Nunca o fez e agora teria dificuldades)
- Necessita de ajuda
- Não é capaz.

ANEXO B - VERSÃO FEITA PARA O PORTUGUÊS BRASILEIRO DO ASHA-FACS

QUESTIONÁRIO ASHA-FACS
AVALIAÇÃO FUNCIONAL PARA HABILIDADES DE COMUNICAÇÃO
 (Carvalho & Mansur, 2008)

Nome de quem preenche: _____ Parentesco: _____

Marque um X para assinalar a sua resposta

COMUNICAÇÃO SOCIAL	1	2	3	4	5	6	7
	INCAPAZ MESMO COM ASSISTÊNCIA	ASSISTÊNCIA MÁXIMA	ASSISTÊNCIA MODERADA A MÁXIMA	ASSISTÊNCIA MODERADA	ASSISTÊNCIA MÍNIMA A MODERADA	ASSISTÊNCIA MÍNIMA	DESEMPENHO ADEQUADO
1							
2							
3							
4							
5							
6							
7							
8							
9							
10							
11							
12							
13							
14							

		COMUNICAÇÃO SOCIAL						
		1	2	3	4	5	6	7
15	Compreende tom de voz							
16	Inicia uma conversa com as pessoas							
17	A acrescenta novas informações à conversa							
18	Muda o tema da conversa							
19	Consegue acompanhar a conversa quando o outro muda de assunto							
20	Reconhece quando faz algum erro de comunicação							
21	Corrige seus erros de comunicação							
COMUNICAÇÃO DE NECESSIDADES BÁSICAS								
22	Reconhece faces familiares							
23	Reconhece vozes familiares							
24	Expressa o que gosta e não gosta							
25	Expressa sentimentos							
26	Solicita ajuda quando necessário							
27	Expressa necessidades e vontades							
28	Reage em situação de emergência							
LEITURA, ESCRITA E CONCEITOS NUMÉRICOS								
29	Compreende sinais simples							
30	Usa material escrito de referência							

LEITURA, ESCRITA E CONCEITOS NUMÉRICOS		1	2	3	4	5	6	7
		INCAPAZ MESMO COM ASSISTÊNCIA	ASSISTÊNCIA MÁXIMA	ASSISTÊNCIA MODERADA A MÁXIMA	ASSISTÊNCIA MODERADA	ASSISTÊNCIA MÍNIMA A MODERADA	ASSISTÊNCIA MÍNIMA	DESEMPENHO ADEQUADO
31	Segue instruções escritas							
32	Compreende material impresso simples							
33	Escreve ou digita o próprio nome							
34	Preenche pequenos formulários							
35	Anota recados							
36	Compreende números							
37	Lida bem com dinheiro							
38	Compreende unidades simples de medida							
PLANEJAMENTO DIÁRIO								
39	Sabe dizer as horas							
40	Disca números de telefone							
41	Cumpre compromissos agendados							
42	Faz uso de calendário para se orientar no tempo							
43	Orienta-se por meio de mapas							

ANEXO C - VERSÃO FEITA PARA O PORTUGUÊS BRASILEIRO DO MINI-EXAME DO ESTADO MENTAL.

MINI EXAME DO ESTADO MENTAL

Orientação Temporal Espacial – questão 2.a até 2.j pontuando 1 para cada resposta correta, máximo de 10 pontos.

Registros – questão 3.1 até 3.d pontuação máxima de 3 pontos.

Atenção e cálculo – questão 4.1 até 4.f pontuação máxima 5 pontos.

Lembrança ou memória de evocação – 5.a até 5.d pontuação máxima 3 pontos.

Linguagem – questão 5 até questão 10, pontuação máxima 9 pontos.


Identificação do cliente

Nome: _____

Data de nascimento/idade: _____ Sexo: _____

Escolaridade: Analfabeto () 0 à 3 anos () 4 à 8 anos () mais de 8 anos ()

Avaliação em: ____/____/____ Avaliador: _____

Pontuações máximas	Pontuações máximas
<p>Orientação Temporal Espacial</p> <p>1. Qual é o (a) Dia da semana? _____ 1 Dia do mês? _____ 1 Mês? _____ 1 Ano? _____ 1 Hora aproximada? _____ 1</p> <p>2. Onde estamos?</p> <p>Local? _____ 1 Instituição (casa, rua)? _____ 1 Bairro? _____ 1 Cidade? _____ 1 Estado? _____ 1</p>	<p>Linguagem</p> <p>5. Aponte para um lápis e um relógio. Faça o paciente dizer o nome desses objetos conforme você os aponta _____ 2</p> <p>6. Faça o paciente. Repetir "nem aqui, nem ali, nem lá". _____ 1</p> <p>7. Faça o paciente seguir o comando de 3 estágios. "Pegue o papel com a mão direita. Dobre o papel ao meio. Coloque o papel na mesa". _____ 3</p> <p>8. Faça o paciente ler e obedecer ao seguinte: FECHE OS OLHOS. _____ 1</p> <p>09. Faça o paciente escrever uma frase de sua própria autoria. (A frase deve conter um sujeito e um objeto e fazer sentido). (Ignore erros de ortografia ao marcar o ponto) _____ 1</p> <p>10. Copie o desenho abaixo. Estabeleça um ponto se todos os lados e ângulos forem preservados e se os lados da interseção formarem um quadrilátero. _____ 1</p>
<p>Registros</p> <p>1. Mencione 3 palavras levando 1 segundo para cada uma. Peça ao paciente para repetir as 3 palavras que você mencionou. Estabeleça um ponto para cada resposta correta.</p> <p>-Vaso, carro, tijolo _____ 3</p>	
<p>3. Atenção e cálculo</p> <p>Sete seriado (100-7=93-7=86-7=79-7=72-7=65). Estabeleça um ponto para cada resposta correta. Interrompa a cada cinco respostas. Ou soletrar a palavra MUNDO de trás para frente. _____ 5</p>	
<p>4. Lembranças (memória de evocação)</p> <p>Pergunte o nome das 3 palavras aprendidas na questão 2. Estabeleça um ponto para cada resposta correta. _____ 3</p>	

ANEXO D - DESCRIÇÃO DAS IMAGENS UTILIZADAS NO TESTE DE ORDENAMENTO SEQUENCIAL DE EVENTOS

Sequência	Situação	Imagem A	Imagem B	Imagem C	Imagem D
Prática	escrever uma carta	personagem com o papel e a caneta nas mãos	personagem escrevendo	personagem dobrando o papel	personagem colocando o papel no envelope
1	lavar a louça	personagem colocando detergente na esponja	personagem esfregando o prato com a esponja	personagem enxaguando o prato	personagem secando o prato
2	fritar um ovo	personagem com o ovo e a colher nas mãos	personagem quebrando o ovo	personagem fritando o ovo na frigideira	personagem colocando o ovo frito no prato
3	arrumar a cama	cama com lençóis desarrumados	personagem dobrando o lençol	personagem colocando a coberta na cama	personagem com a cama arrumada
4	ralar a cenoura	personagem com a cenoura e a faca nas mãos próximo ao ralador	personagem descascando a cenoura	personagem ralando a cenoura	personagem com a cenoura ralada no prato
5	fazer a barba	personagem com o aparelho e a espuma de barbear nas mãos	personagem colocando a espuma de barbear no rosto	personagem manuseando o aparelho de barbear	personagem com a barba feita segurando o aparelho de barbear
6	escovar os dentes	personagem com a escova de dentes e o creme dental nas mãos	personagem colocando creme dental na escova de dentes	personagem realizando a escovação dos dentes	personagem enxaguando a boca
7	comer uma banana	personagem com a banana na mão	personagem descascando a banana	personagem mastigando parte da banana	personagem com a casca da banana na mão
8	calçar o sapato	personagem colocando as meias nos pés	personagem calçando o tênis	personagem amarrando o cadarço do tênis	personagem com o tênis calçado e o cadarço amarrado
9	beber água	personagem com a garrafa de água e o copo vazio	personagem enchendo o copo com água	personagem segurando o copo cheio de água	personagem bebendo a água do copo
10	fazer um suco	personagem com a faca na mão pronto para cortar os limões	personagem cortando os limões	personagem espremendo os limões	personagem com os limões espremidos e o suco no copo